

PEDRO DU Bois



EM

CONTOS

Que delícia ler os contos do pai. Há alguns anos tive o gostinho de ler alguns dos primeiros a serem escritos e, agora, tive o prazer de ler o livro pronto. Pedro Du Bois em Contos. Encanta.

Prosa impecável, rica, pensada, lapidada, faz com que o texto não soe como uma leitura e, sim, como se os pensamentos brotassem na nossa cabeça. E os finais, então? Surpreendentes. Os contos prendem a nossa atenção até o seu desfecho e dão gostinhos de quero mais.

Excelente poeta; conquista o leitor também na prosa. Assim como Mario Benedetti, posso até arriscar dizer que é melhor ainda “em Contos”.

Marina Du Bois
Advogada

Pedro Du Bois

Em contos

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2014

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

[Creative Commons Atribuição-Compartilhada 3,0 Não Adaptada.](#)

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Capa: Tânia Du Bois

Obra: entalhe em madeira "Os encantos de Mariel", de Sani Vidal.

Revisão: Marina Du Bois

D816e Du Bois, Pedro

Em contos / Pedro Du Bois. – Passo Fundo :
Projeto Passo Fundo, 2014.

E-book (formato PDF).

ISBN 978-85-8326-055-4

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Contos brasileiros. I.
Título.

CDU: 869.0(81)-34

“
Escrever é medida
da ousadia cometida
na decorrência
de algo além
do entendimento.
Comprometimento.
Contos são reinícios.
Mesmo que contemplem
finais imprevistos: mais
das vezes o corriqueiro
se faz imprevisão.”

Para Luísa e Júlia
Marina e Paulo
que poderão
- ainda -
desfrutar do imprevisto.

Sumário

Apresentação.....	7
17 contos (ou assemelhados)	9
A mulher da casa.....	11
Ação	17
Acidentado	23
Ana e Analice.....	29
Artes plásticas	35
Autógrafo	41
Cecílias.....	45
Conservadores.....	49
Escondidos e não se mostram	53
Melhor terminar assim	57
No começo entendi tudo errado	61
RCFM - posso desligar o televisor?.....	73
Secos	77
Segurança.....	83
Termo	91
Tudo bem	95
Voltar	103

Apresentação

Os incríveis contos de Pedro Du Bois por Carlos Higgin (contista e romancista)

Li de uma tirada só a obra de Pedro Du Bois: 17 contos que me envolveram numa fina, tênue, imperceptível rede sabiamente tecida pelo autor. Relatos que seguram a alma do leitor, como os grandes teóricos do conto apregoam: contos sintéticos, reduzidos, concentrados, com incrível economia de palavras e frases, produzindo o famoso e anelado efeito único ou impressão total, tão perseguida pelos contistas do mundo todo, do passado e do presente.

Fotografias precisas ou difusas, de acordo com a situação e com o efeito perseguido, enredos secretos, internos, que revelam finais surpreendentes, situações inesperadas. Narrativas tensas e intensas, vibrantes, carregadas de vida, dramas, violência, morte, tensões, beirando, em alguns momentos, o fantástico, o surreal, o oculto sobre a camada de normalidade e realidade. Contos marcantes.

A obra de Pedro Du Bois, conhecido por seu excelente labor poético, tem tudo aquilo que captura a atenção do leitor e o deixa sob o domínio do escritor, que o leva até os últimos recantos do seu universo, mergulhando a consciência cativa em ambientes, situações, histórias que surpreendem e ficam gravadas na memória.

Brilhante no jogo de mudar, sem aviso prévio, no andar do relato, o foco narrativo, mantendo a narração em primeira pessoa mesmo que mudando o personagem, levando pela mão o



leitor para dentro do pequeno ambiente onde se desenvolve o enredo, secreto ou não secreto, Pedro Du Bois consegue construir um universo pleno de intensidade, um mundo vibrante, verossímil e provocante.

Já afirmava Júlio Cortázar, o grande escritor, romancista, ensaísta e contista argentino, que existem contos e contos. Para ele, o conto que se destacava, que sobressaía da multidão, que podia ser considerado excepcional, não precisava ter nada de extraordinário ou anormal, bastava conseguir a graça de tornar-se inesquecível para o leitor, principalmente pela sua qualidade literária. Estes contos de Pedro Du Bois, poeta e contista, tem os ingredientes necessários para atingir o leitor por sua qualidade literária, por condensar vidas humanas e seus dramas, por serem relatos intensos e muito bem escritos.

“Conservadores”, “Autógrafos”, “Artes Plásticas”, “Ana e Analice” e “Voltar” são alguns dos contos que me marcaram profundamente. Muitos relatos de “Pedro Du Bois em Contos” (17 contos ou assemelhados) podem render excelentes roteiros cinematográficos, principalmente pelos seus enredos muito bem elaborados e trabalhados.

Gratamente surpreso, descobri nesta obra um contista que reúne todas as características dos grandes narradores, dominando com incomparável perícia a intrincada construção dos bons contos, aqueles que nos derrubam, que nos marcam, que nos fazem parar para pensar e abrir os olhos.



*17 contos
(ou assemelhados)*

A mulher da casa

Encontrava-nos no final da rua, entre o calçamento e o barro. Sabíamos as trilhas seguras e por onde passar no escuro da lâmpada queimada, sem ser assaltado pelos ladrões que lá faziam ponto. Era assobiar de maneira especial, eles diferenciavam o otário do amigo passante. Acendiam um fósforo, pediam identificação – era deles o ponto de passagem - e nos deixavam passar; às vezes, pediam cigarros, um trocado qualquer, como pedágio. Nada grave ou sério. Perigoso era quando estavam drogados e violentos: um tapa, um cascudo, um pontapé. Era só não parar de caminhar, ir levando. Olhos abaixados. Mãos ao longo do corpo. Nada deles pensarem que você iria revidar. Nunca. Nada além do assobio. Nem cumprimento. O silêncio vale ouro. Éramos amigos, vindos de lugares diferentes: os empregos. Dali pra frente o mesmo caminho. Nossos barracos eram vizinhos. Nossas vidas eram vizinhas: pobres, simples, mentirosamente avançadas para a época.

Muitas vezes não nos encontrávamos. Um fazendo hora extra e o outro, desempregado, vindo mais cedo. Era passar em frente ao barraco e ver a situação: luz acesa, emprego; luz apagada, desemprego. É fogo quando descobrem nossos gatos de eletricidade. Vem o cara da companhia, mais a polícia, e cortam os fios. Todo o trabalho tem de ser refeito. Custa caro: tempo e dinheiro. Então, faz de conta que não é gato: poupa-se.



A sua irmã, muito bonita, encorpando nos quatorze anos. Ou seria menos? Ainda estudando durante o dia. Ano que vem, com certeza, irá para o turno da noite. A necessidade imprensas as pessoas no trabalho. Se for trabalhar à noite, adeus estudos. Os sonhos terminam cedo para os pobres. Ficam no pesadelo de todos os dias. De noite sobra o cansaço e a frustrante raiva. Mais uma que ficará pelo caminho. Sendo bonita, com bom corpo, poderá se defender na noite. Desde que não caia nas graças dos que mandam no pedaço. Aí não terá escapatória. Servirá para o que quiserem, com falso sorriso nos lábios; depois será jogada fora: dependente e acabada. O irmão não poderá fazer nada. Nem sua mãe, coitada, dando um duro danado como faxineira para trazer algum para casa. Diarista. Sem carteira, sem recibo. Sem vale disso ou daquilo. Seco dinheirinho trazido no suor do corpo. Pelo menos a menina, até agora, não fez desfeita. Estuda e cuida do barraco. E está acostumada a poupar energia. Só acende a luz em caso de necessidade. Caso contrário, fica no escuro esperando a mãe; esperando o irmão. Morre de medo. A molecada mexe com ela: estudantes não são bem vistos por aqui. Só enquanto estão no essencial: ler, escrever, fazer contas; depois, o pessoal quer saber mesmo é de zoada, de som, de se enrabichar em quem manda. Prestar serviços. Se tornar conhecido, de confiança. Entrar no embalo. Estudar que é bom, pra quê? Não sairão da favela. Sairão apenas pra vender os bagulhos, enfrentar umas paradas. Fazer barulho. Ou ficar na moita, pra avisar a galera se pintar alguma invasão dos polícias ou dos inimigos.

Sempre há inimigos ou policiais rondando o pedaço. Por isso o assobio no fim do calçamento, a pandorga alçada do outro lado, os olhares atravessados, o pessoal menor sobre os telhados ou pedindo esmolas nos semáforos que dão acesso ao casario. Tudo gente mandada. Defendendo algum.

Sou calado desde a infância. Aprendi com o meu pai. É, tive um pai. Morreu faz tempo. Da bebida, disseram. Moro com a minha mãe. Meus irmãos, nem sei quantos foram, foram embora



ou já morreram: bebida, drogas, assaltos, acerto de contas. Sempre fui o mais calado. Tímido, quem sabe. Precavido, com certeza. Minha mãe nem olha nos olhos das pessoas. Velha como está, doente, depende de mim pra sobreviver. Acho que é por isso que os poderosos não mexem comigo. Sabem que sou arrimo. E dou um duro danado para trazer um pouco de tranquilidade pra velha. Gosto muito dela. Não me lembro de ela ter me batido alguma vez. Não, sempre na conversa. Explicando. Gesticulando. Falando baixo que os assuntos são nossos. A vizinhança não precisa saber das nossas complicações. Entendi cedo. Abandonei o colégio: mas aprendi a ler, a escrever e a fazer contas. Sei ler um jornal inteiro. Entendo os comentários. Fujo das páginas policiais, sei lá, não ficaria bem ao encontrar algum conhecido preso ou morto. Tenho medo da morte. E ela convive comigo todos os dias: dentro do barraco, quando saio, quando estou fora, quando volto. É um alívio encontrar minha mãe viva no final do dia. Jantamos juntos. Ela sempre me espera. Consegui um aparelho de televisão, velho, é certo, mas funcionando. Ela não o liga. Diz que aquelas imagens não a interessam. Não acha graça nas novelas, na vida dos ricos, nos mexericos, nem na empolgação - falsa, não? - dos tais programas de auditório. Prefere ficar ouvindo rádio: sempre há um programa religioso nas rádios. Reza, reza muito. Mesmo quando estou em casa, faz questão de acender suas velas e fazer suas orações. Agradece o dia, a minha volta, a sua saúde, o fato de termos comida para aquele dia, de não terem cortado nossa energia. Eu não rezo, mas compreendo a necessidade dela. Seu medo. Sua glória eterna a ser conquistada na morte.

Minha vizinha, aquela menina que está ficando com o corpo bonito, passou por mim e sorriu. Sei que o sorriso foi para mim. Fiquei nervoso. Nunca fui dessas coisas, mas não posso ignorar que ela sorriu para mim. Também não sou tão panaca. E não quero ficar com a imagem de veado. Nada. Retribuí o sorriso. Irei conversar com ela. Ver se rola alguma coisa. Ficar, dizem. Ficar, sim. E ela ainda não tem um protetor. Com o irmão, converso



numa boa. Ele sabe que sou pessoa de boas intenções. Minha mãe gostará muito. Vive dizendo que sou muito sozinho. Que preciso sair e ter diversão como os homens da minha idade. Bobagem. Quanto mais quieto ficar, mais sobrevivo.

Falei com a moça, Aderalda, ou Dida, como é chamada. Mina pura. Foram sorrisos para todos os lados e já dei uma chegadinha no seu cangote. Um beijo frouxo é verdade, mas, sempre um beijinho de começo de alguma coisa maior. Terei que tomar cuidado. Exibida a menina. Cheia das vontades e dos dengos. Não sei se poderei atender aos seus pedidos. Irei devagar. Quem sabe a coisa fique séria antes que ela me peça algum milagre. Drogas, bebidas, nem pensar. Estou fora dessas jogadas, como sempre. Ela sabe disso, somos vizinhos há muito tempo. Seu irmão é cara sério. Uma birita nos finais de semana, nada mais. No resto do tempo, trabalho, muito trabalho.

Ah, Dida, ferosa menina! Fogo, furacão, tormenta e tempestade. É um querer mais. Um chegar mais. Já estou dentro e ela pedindo mais. Que eu chegue mais. Chegar onde, caraca?! Depois me abraça e fica caladinha junto ao meu peito. Beija minha boca. Sorri. E pede mais. Pede mais do que posso dar. Faz cara de zangada, de decepcionada. Então começo a lhe contar histórias. Invento casos, aumento minhas responsabilidades. Fica impressionada - tão nova a coitada - com o que seria o meu desembaraço. Ontem, perguntou se eu não estaria pensando em ir embora da favela. Sim, que eu poderia levar a minha mãe e ela para viver na cidade, longe daquela confusão. É o que dá ficar contando mentiras. Lorotas. O que ganho mal me permite morar na favela. Iria para onde?

Meu amigo esperou por mim ainda na parte calçada do caminho. Disse que precisava falar comigo, acertar alguns pontos. Éramos quase da mesma família. Fomos conversar num boteco na saída do semáforo. Vi que alguns moleques nos reconheceram e ficaram nos cuidando (deveríamos ter ido para alguma birasca da favela, não ficar lá fora, podia parecer desfeita). Falou da Dida,



sobre o quanto ele estava satisfeito como o nosso caso. Pediu-me que a respeitasse. Sim, sabia o quanto de fogo ela era feita. E que eu não era nenhum santo. Mas que não a magoasse e que, se efetivamente gostasse dela, a tirasse de casa e a levasse para morar comigo. Assumisse o caso. Fiquei pensativo. Enorme responsabilidade. Minha mãe como reagiria, como se comportaria, tendo que dividir a casa com outra mulher? Afinal, era a casa dela. Confirmei o meu interesse e prometi que iria estudar o caso e falar com a minha mãe. Bebemos umas cervejas para comemorar a união das nossas famílias.

No fim do calçamento foi que a coisa não funcionou. Assobiamos. Nenhum fósforo foi aceso. Sabíamos que eles estavam ali. Por que, diabos, não se anunciavam nem apareciam? Sabiam que éramos dos deles. Neutros, é certo, mas amigos. Nada. Nenhum movimento saiu daquele canto escuro. Passar? Esperar? Retornar mais tarde? Dúvidas, dúvidas, dúvidas. Resolvi me aproximar, cheguei perguntando se havia alguém ali. Claro que havia, eu sabia. Meu amigo ficou para trás. Acho que sentiu o cheiro da bagunça. Levei um lançante de faca. Estrebuchei. Caí ali mesmo. O cara saiu da sombra e riu. Vi o que sobrava dos seus dentes. Eu caído, sangrando. Doendo pra caralho. A boca mole da dor e da moleza que se apossava do meu corpo. E o cara ali, na minha frente, com a faca na mão. Ensanguentada arma. Meu amigo recuou e correu. Tarde demais, outros vinham pelo calçamento e o acertaram. Caiu um pouco antes de onde eu estava. O sangue jorrou da sua boca. Nada mais vi ou senti.

Minha mãe foi avisada logo depois de que eu havia sido assassinado e que ela tinha uma hora pra levantar seu barraco. Levasse o que pudesse e desse o fora. A velha se desesperou. Desatinada, ligou a televisão. Lá estavam autoridades municipais, estaduais e federais reunidas para divulgarem o mais novo e completo plano contra a violência. Minha mãe riu, gargalhou. Ainda ria quando invadiram o barraco e foram quebrando tudo. Quebraram sua cabeça com um porrete (velha dos infernos, disse o



agressor). Foi jogada fora junto com suas coisas (o terço foi apanhado por um menino que disfarçadamente o colocou no bolso). O barraco estava vago para novo aluguel.

Dida estava na companhia do poderoso da favela. Quase tão novo quanto ela. Levou uma bofetada no rosto, caiu sangrando, em prantos. Seus gritos foram ouvidos por toda a favela. Descobriu que era a mulher prometida do chefão e que havia traído a sua confiança saindo com um pé de chinelo qualquer. Aprendeu rapidamente que o caso estava encerrado e que a sua vida não seria mais de ir à escola e namorar. Seria de muito trabalho: funções de responsabilidade. Até que viesse a ser substituída por outra escolhida de ocasião. Cessaram suas lágrimas, afinal, tinha mãe e irmão para cuidar. A partir de agora seria tudo com ela. Havia sido transformada na mulher da casa.



Ação

Eles vão para a praia passar um simples e reles final de semana, em grupo de amigos, parentes, companheiros, colegas. Sempre em grupos. Homens, junto com homens. Não há graça. Deviam levar as suas mulheres, as dos outros, as descompromissadas ou as que estão loucas para arranjar compromisso. Pode ser que tenham tentado e que nenhuma delas tenha aceitado o convite. Levam seus carros. Quatro homens em cada carro. Dois ou três carros, que a casa é grande. Colocam os carros no pátio. Abrem o porta-malas e ligam o som. Desfaz-se o mistério no som do carro. A dinheirama que gastou o dono do carro para toda a praia ouvir o seu som. Os vizinhos, os transeuntes, os nem tão vizinhos, os que moram longe. O som é colocado em nível estratosférico. Nem os pássaros escapam. Chamam isso de ação: o carro, o som do carro, a bebida, sim, muita bebida, de preferência cervejas em caixas de isopor. Quer dizer, nem tão geladas. No pátio ficam os rapazes, tentando acompanhar o ritmo das músicas nos diversos alto-falantes do carro. Alguns, mais criativos, entram nos carros e ficam acionando os faróis, como se estivessem em alguma boate. E as músicas, hein? Puro tecno-pop-rapper-axé-pagode-funk. Só as músicas seriam motivo suficiente para se chamar a polícia. A isso chamam ação.

Na segunda-feira, acordam em suas casas de origem, na cidade onde moram. Primeiro em casa, com seus parentes, depois no trabalho e na escola, com seus colegas, companheiros e amigos, deixam bem claro o que fizeram no final de semana. Mentem o local, mentem a comodidade que não tiveram, mentem a comida que não comeram e o que não beberam. Falam das festas



inexistentes. Dizem das mulheres que não tiveram. E dizem que tiveram muita ação. Ação é a palavra chave: a música, ótima, colegas! As mulheres, fazendo fila! Foi festa e festa. Suas cabeças latejam cervejas. E suas cabeças pensam nas mulheres com quem cruzaram pela areia da praia e que deles se distanciaram e se esquivaram: estavam bêbados, sujos e jogavam bola. Sim, a ação se completa com os jogos de bola na beira da praia. Simulações de futebol, voleibol e frescobol. No frescobol, representam o pior, jogam para que o oponente deixe cair a bola. No futebol e no voleibol ainda tentam encontrar parceiros para que a bola não caia.

Se alguém perguntar em que restaurantes foram, fazem cara de sonsos: restaurantes, qual é! Nossas comidas foram outras, otários! Mulheres, muitas mulheres. As mulheres sonhadas e não alcançadas. Não se alcançam sonhos e a realidade se mostra avaro em relação à mulheres: comprometidas, esquivas, desinteressadas daqueles meninos metidos a homens, e daqueles homens metidos a meninos. Bêbados e fracos, trocando as letras e as palavras. Odiosas piadas repetidas à náusea.

A ação começa ao despertar. Abrir os olhos e se descobrir. Jogar os pés para fora da cama, alcançar os chinelos. Sentar. Espreguiçar-se, levantar-se, ir ao banheiro, levantar a tampa do vaso e mijar. Urinar longamente, aliviando a pressão. Lavar o rosto, escovar os dentes, procurar rapidamente as espinhas e os cravos salientes. Espremê-los. Pentear os cabelos. Olhar-se no espelho, como se visse a face pela primeira vez. Ou a última. Cumprimentar: bom dia, companheiro, que a semana nos seja leve.

O café rápido. O estou saindo, para a mãe, a mulher, o companheiro, o espelho. O trajeto até o trabalho, perto, que na cidade pequena os lugares são pertos. Longe, só a cidade mais próxima, e maior. Os bons dias dados e respondidos. O pensamento indo até a praia. Já com saudades. Pensa na próxima oportunidade. Mentalmente faz as contas. Está quebrado até o final do próximo mês. Quem sabe um empréstimo? Quem sabe alguma surpresa no joguinho de sempre. A sinuca se mostra boa oport-



tunidade. Tropeça no cordão da calçada, volta à realidade. Sabe que sua ação é aquilo e o que mais tem pela frente, mas não se conforma: um dia será diferente! Algum dia...

Cumprimenta o chefe, sente que seu final de semana não deve ter sido dos melhores. No colégio, nota os colegas; nossa, que bando de sem notícias! Logo, o intervalo, o primeiro entre tantos, que a semana está lotada e não há escala ou baldeação. Um dia depois do outro. Mesa cheia, livros abertos. Toda a atenção é pouca. Desconcentra-se pensando no som que tocou na praia. O carro do amigo é mil! Pena que o policial implicou conosco, pena que aquela menina nem olhou para mim, pena que o final de semana passou tão depressa. Concentra-se no que faz e a manhã se arrasta.

É a ação que tem, mas dela não tem consciência. Preenche formulários, digita palavras, presta atenção no que o professor diz, faz as anotações necessárias. Senhor fulano, o chefe quer falar com você; senhor fulano, a tesouraria quer falar com você. Senhor fulano, hoje é segunda-feira.

Se aquela menina tivesse dado sinal, qualquer que fosse. Mas não, estava acompanhada, e o cara tinha um carro muito melhor que o do meu amigo. Nossa, nem o carro era meu, e o cara dela tinha um muito melhor. Como poderia ela ter se oferecido, ter correspondido ao meu sorriso, ter me acompanhado em mais uma bebida, ter vomitado junto comigo. Droga de vida! Preciso de mais ação. Não preciso desse emprego de merda, desse colégio de merda, dessa merda de vida.

Sim, senhor, pode ficar descansado, não repetirei o erro. Sim, senhora, fique descansada, no máximo até o final da semana; sim, tenho anotado; sexta-feira quitarei as prestações atrasadas. Sim, sei que não terei dinheiro para nada até o final do próximo mês. Sim, tenho consciência que nunca conseguirei aprender esse serviço. Irei levando como posso. Se perder o emprego, perco o colégio. Se perder o colégio, perco o emprego. E finais de semana, novamente na praia, apenas sonhos. Também, tudo que gastei:



ajudei na gasolina, que o cara tem o carro, mas não deixou barato; o aluguel da casa, mesmo sendo da mãe do cara, não deixou barato; a comida, os caras saem com dinheiro e acham que todo mundo é otário, bem que podiam ter ficado nos sanduíches, nos lanches rápidos, no máximo, uma massa amiga; tinha de ser peixe e camarão, mais os petiscos na praia, mais os salgadinhos no pátio, mais o diabo que os carregue.

Nunca mais me pegam num fim de semana desses, é muita despesa. Não estou preparado. Sou apenas um simples funcionário e o colégio é caro. Tenho toda a vida pela frente. Quando der, aceito outro convite, por enquanto, nada. E ainda tem minha mãe pedindo dinheiro, para completar as despesas, e ainda tem o cara da república, pedindo minha parte nas despesas. E ainda tem minha namorada – nem sabe que fui para a praia, pensa que fui visitar minha família, onde havia alguém doente -, querendo cinema, passeios, sorvetes, barzinhos. Ainda bem que não chegamos aos motéis. Minha situação estaria pior.

Sim, entendo a situação da firma, sei que minha atuação não é das melhores, mas, veja o senhor que existem outros funcionários piores do que eu. Sim, sei que não devia fazer tais comparações, mas é que preciso do emprego. Ter ido à praia no final de semana, meu senhor, foi apenas um pouco de ação. Como, quer dizer que o senhor não entende que ação eu faço aqui durante a semana? O senhor me quer morto aos dezenove anos? Não, não quis ser sarcástico, foi apenas a reação natural de um jovem. Sim, sei que preciso do emprego e do salário, mas também não posso ficar preso neste escritório como se fosse um móvel, uma cadeira imóvel. Tenho rodas, quer dizer, tenho pernas, preciso de movimento e a vida passa rápida. Desculpe-me senhor, só mais essa vez. Prometo que me emendo e que o serviço sairá conforme as regras. Praia, nem pensar, senhor!

Ufa! Quase me ferro. Quem será que deu com a língua nos dentes? Sempre tem uma serpente perto da gente. Ovo de serpente, como no filme que passou de madrugada na televisão; na praia,



não conseguia dormir com o ronco dos bêbados, fui para a sala, liguei a televisão, coloquei em volume baixo. Fiquei assistindo ao filme e lá estava aquele que foi criado como todos os outros, que fazia parte, que estava integrado e, quando mais precisaram dele, ferrou todo mundo. Traidor imundo. Serpente criada, mas sempre cobra venenosa. Nunca faria isso com quem quer que seja. Está certo, em relação ao emprego, era eu ou qualquer um deles. Fico comigo, cara! Se não me defendo, quem me defende? Agora, já que salvei o trabalho, irei ao colégio, lá a bronca parece maior: não pagamento das mensalidades. Que governo de merda, devia garantir estudo gratuito para todos. Mesmo para aqueles que estudam pouco. Merecemos as oportunidades e, afinal, tantos pagam impostos para isso. Não, só garantem para uns poucos. Não aumentam o número de vagas e, quando aumentam, é para os turnos diurnos. Grande coisa abrir cursos à tarde, como se os empregos fossem de noite ou de madrugada. Colégio particular custa os olhos da cara. É pagar o colégio, ou ir para a praia. Mesmo que só de vez em quando. Muito raramente. São eles que fazem as regras, determinam quem fica e quem não pode ficar. O pagamento domina a vida deles. Professores, funcionários, fornecedores e o lucro dos proprietários. E não é coisa pouca, que todo o dinheiro passa pelo nosso escritório. Então, não sei como gastam o dinheiro das mensalidades? Cursos de especialização, para quê se ninguém aprende nada mesmo? Após o expediente, chegamos quase dormindo ao colégio, dormimos durante as aulas. Quantos precisam ser acordados quando as aulas terminam. Fracassados, descontam em nós, estudantes. Cobram as mensalidades como se fosse o único ouro do mundo. Somos nós, ou a vida. Que vença a vida, pelo menos terei um pouco de ação. Não a ação que o babaca do meu chefe fala. Falastrão. Sei que nem se encontra mais com a sua mulher. Também, aquele bagulho. Feliz dele. E tem um filho que não consegue se decidir na vida. E uma filha que já se decidiu faz tempo: com todos. Um dia boto a história no mural, anonimamente. Será um escândalo e pelo menos ele



perderá a pose. Pobre coitado. Pobre de mim aqui encalacrado. Se a tesouraria não me conceder mais um prazo, se minha família não conseguir me adiantar um bocado, se não encontrar um amigo que me auxilie, terei de partir para a ignorância e o sacrifício: velha ou velho, tanto faz.

Mas aquela menina da praia mora por aqui e está no mesmo colégio que eu; preciso pensar numa maneira de abordá-la, chegar devagar, como quem não quer nada. Não dar chance para o garotão com quem ela namora. Ele não é daqui, só aparece nos finais de semana, ou num dia ou outro da semana. Em geral, só no sábado. Se eu me chegar nela na segunda-feira, talvez tenha até sexta-feira para pressioná-la. Jogo meu charme. Repito minhas melhores piadas, convido para uma cervejinha. Talvez dê certo. No dinheiro, dou um jeito. O que preciso mesmo é de um pouco de ação. A rotina e essa cidade me matam.



Acidentado

Diremos que foi um acidente. Mascararemos o morto e do desconforto do assassinato – torpe, porém apaixonado – faremos emergir o tropeço, o tiro acidental, a faca que escorrega na mão e cai sobre o corpo, qualquer coisa que não seja a morte provocada voluntariamente. Ou seja, que tenha sido assassinado. Não merecia ser morto. Poderia morrer de doença, fulminado por raios, comido pelos cães, caído de árvore, que a árvore tenha caído sobre ele. Mas, morrer assassinado, de forma torpe, mesmo que apaixonada, não nos cabe julgar nem divulgar. Deixemos assim, será melhor para a sua imagem, para a família, para os amigos e inimigos. O assassino não terá paz, se cometeu o ato por paixão. O remorso será seu maior juiz e castigo. E se não foi por paixão, tornará a fazer e, na outra vez, como não será com alguém que conhecemos tão bem, até desconhecemos – ou até nem faça -, será apanhado e divulgado e considerado culpado, condenado. Na prisão terá o castigo que merece. Por agora, faremos de conta que o acidente foi quem matou o nosso amigo. Choremos a sua morte e que o féretro seja digno.

Não concordo muito com as colocações, mas não vejo outro caminho. Se avisarmos que foi crime, o que ganhará o morto? Sua família ficará mais chocada. O acidente fará bem a todos e nós sabemos que o criminoso, mais dia ou menos dia será apanhado por outro crime, ou por ele mesmo. O castigo sempre acontece. Conheço outros casos em que parecia que havia escapado. Nada. Logo aconteceu coisa pior. Alguns até morreram de forma mais cruel do que as mortes por eles provocadas.



Cometi o crime por paixão; o ato foi praticado de forma apaixonada. Não esqueci nenhum detalhe. Como se fosse uma vingança. Pensada, preparada, executada como ritual. O rito dá solenidade ao ato. Como protocolo e cerimonial. Primeiro todos em pé; canta-se o hino; dá-se por aberto os trabalhos; compõe-se a mesa principal. Alguém dirige o cerimonial, alguém é o mestre. O povo quieto em seus lugares. Olhares inquietos sobre o orador que principia as saudações: autoridades, parceiros, colegas, convidados, senhores e senhoras. Estende-se em seu assunto, volta, repete, frisa, repisa o que todos sabem e mesmo assim aplaudem: na citação em que se reconhecem; no ânimo exaltado de quem discursa; quando sentem ter chegado o final. Por isso fiz daquela maneira, solene. Para que ele soubesse o que estava acontecendo e as razões. As minhas razões e as razões de cada parte do espetáculo. Macabro, dirão alguns (ou muitos). Macabro no que há de mais terrível. Horrível o fim. Terríveis os meios. A paixão é desenfreada, por isso se esgota rapidamente e nos leva com ela. Não iria querer o amor. O amor envelhece as pessoas na sua continuidade. Torna a relação leve, interage, divide, acompanha, acopla. A paixão devasta, incrimina e revolta. O redemoinho de que fala a literatura. O vórtice. O desmoronamento dos envolvidos. Todo dia, toda hora. Ânsia e vontade. Náuseas. Apaixonadamente perdido não é como dizem? Dizem muito mais. Por isso o rito da morte completa o quadro. A pincelada. O cinzel. A tinta preenche os espaços. A letra e a figura. A paixão decora a cena. Paguei pelo crime? De que pagamento, falo? A morte não acabou com a minha paixão; cortou pelo meio. Enquanto apaixonado, terminei com o motivo. A paixão permanece. Sofro por isso. Não pela morte, inevitável na minha loucura, mas pela paixão que fica. Não há mais o parceiro. Não há mais vida e morte. A morte foi minha construção. A vida a desconstrução. Sou quem resta, sucata, restolho e monturo. Fervido, o sangue flui rápido. Penso e lembro. Desconcertado, paro diante da janela. Nada vejo que não a cena da morte. A raiva surda descosturando o corpo. Os olhos assusta-



dos com que me olhou – mesmo sabendo e gostando da forma – e a última palavra, o perdão dito naquela hora infame. Tinha que ter me destrutado. Palavrões. Súplicas. Ter implorado para que eu parasse, suspendesse o gesto, interrompesse a forma. Permanecesse apaixonado em vida. A vida não eterniza a paixão no que rapidamente a consome, como instante, como momento. Não tive alternativa. Havia o rito prévio a ser cumprido. Ai daquele que não completa o rito. Nunca se perdoará. Algo faltará. O sangue, o corpo exangue, a mutilação, o que fica e o que se perde. O dentro e o fora. Não era um cadáver, era o holocausto. A razão permanece mesmo se considerada insana. Insano o homem que permanece apaixonado; perde o parceiro, o sentido, o começo e o fim. A paixão não se transfere para outra pessoa. Presa naquela face, olhando nos mesmos olhos, o corpo ondulado em frente. Não se transmuda. Seria fácil. Cada vez que sentisse a transformação e o amor fosse se instalando, adeus, que buscarei nova paixão: mais velha ou mais nova em selos, desenhos, joias, bebidas; na solidão do copo e na fumaça do cigarro. Não cometerei novo crime: não haverá outra paixão carnal. Poderão me pegar se quiserem que sempre estarei visitando o túmulo, chorando pelo cemitério, aspirando o pó do corpo cremado. Jogando as cinzas sobre o corpo, em delírio.

Impossível um homem tão sério, trabalhador e familiar terminar assim. Um escândalo. Colega exemplar. Pai extremado. Apaixonado por tudo que fazia. Olhar comprido sobre as moças ao lado. Sempre atento. Bom de copo, bom de conversa. Bom de garfo: carnes exóticas, saladas temperadas, crustáceos e frutos do mar. Leitor, esportista. Fôlego invejável. Altas filosofias e ao mesmo tempo prático no que fazia. Os melhores projetos saíam da cabeça dele. Não tinha preguiça para nada. Trabalhava muito e, mesmo assim, chegava em casa descansado. Sempre pronto para a mulher e os filhos. Parques, praia, piscina. Jogos de baralho. Cinema, teatro, espetáculos. Os clubes de serviço. Nunca escondeu nada de ninguém. Livro aberto. Sentimental: tantas vezes



chorando diante das cenas açucaradas de filmes infanto-juvenis. E morrer dessa maneira. Ainda bem que fomos nós os chamados. Fosse sua mulher – agora viúva -, não sei se ela aguentaria o choque. Os filhos, nem pensar. Adolescentes, quase crianças. Ficariam traumatizados para o resto de suas vidas. Como os clichês dos filmes de assassinos em série. Estou horrorizado. Ficarei alguns dias sem poder me alimentar direito. É muito forte. Sou fraco para esse tipo de coisa. Nunca comi galinha ao molho pardo. Engulho. Concordo com a ideia, foi acidente e não se fala mais nisso. Um terrível acidente. Colocamos o corpo no caixão e o lacramos de imediato. Diremos ser pavorosa a visão do corpo, que ninguém precisará passar por isso. Nem o rosto deixaremos à vista. O caixão não terá aquela janelinha por onde se vê a face do defunto. Tudo fechado, lacrado. Teremos a palavra e o laudo do legista e do delegado de polícia. Ocorrência encerrada. Não falaremos mais no assunto.

Por que havia me apaixonado assim. Desde o começo sabia que não daria certo. Aquela conversa de sempre de que a paixão não sobrevive, de que somos um só enquanto apaixonados, que depois não sobra nada. Fui quem não sobrou. Do meu corpo, pouco foi o que restou. Paixão enlouquecida. O malabarismo de conciliar o tempo e as horas. A manutenção da casa. A mulher e os filhos. Minha posição social. Pilar na sociedade. Sustentação. Fachada. Fauno e cervo ao mesmo tempo. Escondido e mostrado. O beijo respeitoso, as posições ortodoxas. A língua rasgando a boca no contorcionismo. O hedonismo. O hétero e o homo. A vida e a morte. Estou morto e acabado. Meu corpo decomposto na mutilação. E o criminoso, lá, parado diante da janela. Não lhe tinha mais paixão. Minha paixão já era outra. Mas como me livrar do louco. Como fazê-lo entender que estava acabado? Evitar o escândalo, a raiva, o assassino olhar com que naquela noite me ofereceu o último brinde e pela última vez o corpo perfumado. Parecia uma cadela no cio. Desesperado. O corpo desesperado no que me oferecia e me dava em sacrifício. Tinha meu plano. Esgotar



seu corpo e o fazer dormir. Seria minha presa. Sei manejar a faca, descarnar o animal, fazer sumir suas entranhas em fogo e ácido. Desmanchar seus ossos. Quem dormiu fui eu. Pela primeira vez fui eu que adormeci na hora errada. Ele havia aprendido meus truques. Tanto contei minhas histórias. Tanta atenção prestou no que lhe contei como verdade. Era verdade. Nas vezes anteriores agi assim. Sumiam as pessoas. Triste e abalado frequentei velórios e acompanhei enterros. Chorei junto aos túmulos vazios. Caixões vazios de túmulos vazios. Famílias desamparadas por aquele que saiu e não voltou para casa. Eu ali, responsável pela recolocação da viúva, pelo encaminhamento dos órfãos. Eu, o verdadeiro responsável. Nunca deixei faltar a minha parte. Não havia quem se queixasse. E o que havia sumido em minhas mãos, na verdade – estou sendo sádico? – não deixou muitas saudades. Agora foi a minha vez. Estou morto e afastado. E ele se aproximará da minha mulher e dos meus filhos e se oferecerá como amparo. Acompanhará suas dores. Terá suas vidas. Ficará junto deles até que outra paixão lhe devore e ele, como eu, conte as histórias e ensine como se maneja a faca, se descarna o corpo e se desmancham os ossos. Ele não aprendeu bem as lições e o meu corpo está aqui, insepulto ao relento, desfigurado, meio gente, meio nada. Pessoas chegaram, olharam e se enojaram com o que viram. E viram em mim a mentira e a fraude. E tiveram mais nojo. Mas tiveram pena da família e da minha imagem. E mentirão. Dirão que foi acidente. O médico e o delegado participarão do pacto. Um acidente horrível que me desfigurou o corpo. Por isso o caixão fechado, lacrado. Laudo assinado, expedido. Ocorrência encerrada.

Meu marido, pai dos meus filhos. Grande filho da puta. Como se eu não tivesse passado a vida ouvindo suas mentiras. Amoroso, apaixonado. Sim, como se eu fosse uma boneca inflada. Levando chumbo sempre que suas paixões terminavam. Tanto sangue lavei de suas roupas, quanta tristeza carreguei. Meu amigo! Uma droga! Criminoso insano. Louco varrido. Fiquei com ele é verdade, pelo dinheiro, pela posição, pelos filhos, pela fachada.



Ele para um lado, eu para o outro. Sou bonita. Sempre fui bonita. Por isso ele casou comigo. Não pelas minhas prendas domésticas: não cozinho, não lavo, não esfrego. Perco meu tempo em frente ao espelho. Se os filhos pedem atenção, me incomodo, grito, xingo, mando encher o saco de quem tenha. Livre o dia todo, rua e rua. Encontros e desencontros. Garotos, homens, jovens e velhos. Sou de quem quero. Agora viúva, perco a cobertura. Terei que me cuidar. Buscar outro marido, quem sabe. Conquistar outro tonto qualquer. Alguém que me assegure o dinheiro das roupas, das joias, do que me interessa. Tudo é caro e a pensão não será essas coisas, menos da metade do que ele ganhava. Preciso encaminhar os filhos. Preciso encaminhar a minha vida. Quem sabe pego esse que agora já está aqui na sala. Grande amigo, solteiro, um pouco esquisito é certo, mas tem dinheiro e posição social. Grande amigo do falecido. Viviam juntos para cima e para baixo. Devia rolar muita sacanagem entre eles. Mulheres vagabundas, com certeza, que o bom gosto deles nunca foi dos melhores. Chegou oferecendo ajuda, deu-me o braço em alento. Beijou-me as faces em oferecimento. Sorrio para ele, ofereço-me em tristezas, encaminho o assunto e as mãos. Juntos, seremos fortes para enfrentar a situação, fazer com que o tempo passe rápido e logo possamos ser um do outro em beijos e abraços. E se ele der chance, volto à caça: jovens, velhos, homens maduros, garotos. Essa é a vida.



Ana e Analice

Tudo começou quando atendi telefonema de minha filha contando que seu marido havia recebido uma proposta irrecusável de trabalho e que, por isso, iriam morar em Recife. Mas, ficou de contar os detalhes no final de semana, quando viriam nos visitar.

Assim, tão logo chegaram, detalharam as novidades. Ele havia sido contatado pelo próprio dono da empresa, em função do seu trabalho atual. Que a proposta era excelente quer em relação ao seu desenvolvimento profissional, quer pelo salário e demais benefícios oferecidos. Que não precisaríamos ficar preocupados com ela, pois, como havia terminado a residência médica, em Recife, com certeza, teria oportunidade de buscar colocação.

Estavam entusiasmados, mesmo que a distância atual mais do que dobrasse. Não seríamos nós a colocar obstáculos ou a argumentar contra a mudança.

Então, foi que ela disse que o novo patrão também era de Passo Fundo. Que ele mesmo havia contado quando da entrevista com o Carlos.

Fiquei curiosa e perguntei quem seria ele; respondeu-me que se chamava Joaquim Fernandes e que estava em Recife há mais de 20 anos.

Coincidência, disse a ela, já que durante alguns anos fui uma das melhores amigas da esposa dele, E que a vida deles foi marcada por tragédias.

Meu genro quis saber o que havia acontecido, já que para ele o novo patrão era bem apessoado, boa pinta e com ótimo astral.

Confirmei que havíamos sido ótimas amigas e que a Ana, o nome da mulher do Joaquim, era filha da dona Judith e do seu



Armando. Filha única. O seu Armando também foi filho único e a família da dona Judith nunca foi de se visitar. Moravam longe, em Uruguaiana. Crescemos e estudamos juntas. Nossas festas de 15 anos aconteceram com menos de dois meses de diferença.

Que o Joaquim não era de Passo Fundo, mas de Cruz Alta. Chegou para estudar no colégio dos padres, já no científico, o ensino médio de hoje. Homem bonito, alto. Logo, era destaque nos esportes, nas reuniões dançantes e bailes e, nos domingos, na segunda sessão do cinema. Era de classe média baixa. Até diziam que uns tios dele, fazendeiros, é que patrocinavam as despesas do colégio. Morava numa república de estudantes, simples.

Sim, o Joaquim. O que tinha de bonito tinha de preguiçoso para os estudos. Só passava arranhando. Pegando exames. Até em segunda época ficou. Mesmo assim a Ana foi na sua conversa. Aliás, qualquer de nós iria. Os tempos eram outros. Tudo era mais fácil. Se não estudasse, sempre haveria algum emprego. Sempre alguém ajudaria um atleta daquele porte.

Um belo dia a Ana avisou que iriam noivar. Foi o maior noivado de Passo Fundo. O seu Armando tinha muitos negócios, entre gado, plantações, aluguéis, ações de bancos, loja de tecidos e de sortimentos. Dinheiro vivo. Do noivado ao casamento, um pulo. Alguns até falavam que a Ana estaria grávida. Não estava, tenho certeza. Era minha melhor amiga. Casaram, o seu Armando cedeu uma das suas casas para eles morarem. O Joaquim, nessa época, já trabalhava numa das lojas dele. Era subgerente. Nem incomodava, nem trabalhava muito. Vinte e poucos anos e já era visto todos os dias no Elite e no Oásis, que eram os dois bares do centro de Passo Fundo, na quadra da praça. Um de cada lado da catedral. Em frente ao Elite, no canteiro central, é que os espertos, ou negociantes, os jornalistas, agropecuaristas e os vagabundos da cidade se encontravam para conversar fiado, bolar negócios e falar da vida alheia. Era conhecida como a “universidade das palmeiras”.

O Joaquim lá fazia ponto todos os dias, para desgosto do seu Armando que, em toda a sua vida, nunca havia frequentado



tais lugares. Onde se viu! Mas, mesmo assim, a vida corria fácil. Só não tinham filhos. O pessoal até ria do Joaquim, pelas costas. Afinal, como genro do velho Armando, já era figura de destaque na sociedade. E dançava bem o moço!

Eles não tinham filhos, mas a Ana nunca se preocupou com isso; até tentou alguns tratamentos, principalmente, com uma médica nova que chegou vinda do Rio de Janeiro. Nova e bonita, vocês precisavam ver o efeito que causou na cidade. Todos ficaram malucos com a morena, por assim dizer, cor de canela, cabelos pretos, olhos pretos, baixinha.

Era de fechar o comércio. Ficou sendo a dupla mais famosa de Passo Fundo: a Ana e a doutora Analice. Era a dupla AA. E que contraste. Ana, muito branca, loira, olhos verdes, alta, descendente de alemães; a Analice, com toda a brejeirice morena.

Contava que era de família pobre, havia se formado com muito esforço. Conheceu a Ana numa das tantas viagens que eles faziam para o Rio. A Ana teve uma indisposição e acabou sendo atendida pela Analice. Foi tiro e queda. Conversaram, ficou sabendo da história dela, convidou a moça para ir para Passo Fundo. O seu Armando também era dos Vicentinos, a sociedade mantenedora do maior hospital da cidade, onde conseguiu um lugar para ela e a ajudou a montar o consultório. Os três se tornaram inseparáveis.

Como fomos morar em outra cidade, perdi o contato com eles. Numa das nossas poucas idas à Passo Fundo, no Natal de 1979, estivemos com eles, uma noite, no bar do Corujão.

Logo depois do Natal, foram passar o ano novo na fazenda que o seu Armando tinha no interior de Soledade. Saíram à noite, a viagem seria curta e o tempo estava bom. Houve um problema com o seu Armando. Segundo a Analice, que estava no carro de trás com a Ana e o Joaquim, ele teria sofrido um enfarte fulminante. O carro saiu da pista em alta velocidade, capotou, e a dona Judith e o seu Armando morreram na hora. Não adiantou o atendimento da Analice. Também, ela nem tinha os instrumentos



necessários para fazer alguma coisa. A Ana ficou desconsolada. O Joaquim chegou a sumir do Oásis. Foi um luto só.

Como a tristeza da Ana não passava, a Analice sugeriu que eles fossem fazer uma viagem de carro; iriam até a Bahia, passando por São Paulo, Brasília, Minas e voltando pelo Rio. O Joaquim nem queria ir, afinal, a situação dos negócios estava um pouco confusa. O seu Armando é quem cuidava de tudo, pessoalmente. Nunca vi rico trabalhar tanto; ele sempre dizia que tinha ficado rico trabalhando, não gastando dinheiro. Mas a Analice foi quem o acabou convencendo. Deixaram os negócios nas mãos do gerente e o inventário com o doutor Alceu. Estava tudo em boas mãos. Saíram no final de fevereiro. Cada dia o Joaquim ligava de um lugar diferente, contando os avanços da Ana. Que não estava mais chorando todos os dias, que estava se interessando pelos lugares, que gostou muito de Brasília e que adorou Ouro Preto.

Então, nova bomba; sofreram um acidente de carro entre Minas e a Bahia. A doutora Analice havia morrido e a Ana tinha ficado muito ferida. O Joaquim, graças a Deus, sofrera só leves escoriações. Tinha providenciado a remoção do corpo da doutora para o Rio, para ser enterrada, e da Ana para uma clínica também de lá. Um mês depois o Joaquim apareceu em Passo Fundo, arrasado. Colocou tudo à venda, de imediato. Era o marido da herdeira natural de tudo o que a família havia deixado. Trouxe procuração da Ana. Vendeu algumas coisas por pouco mais de nada. Trouxe também procuração da mãe da Analice, fechou o consultório dela e rescindiu o contrato de aluguel do apartamento onde ela morava. O coitado do Joaquim tinha deixado de ser aquela criança grande, sempre alegre. Estava envelhecido, rosto enrugado. Magro de dar dó. Estivemos com ele, disse que a Ana precisaria ficar pelo menos um ano em recuperação. Muitas cirurgias plásticas. Que ela não queria nem ouvir falar em voltar a Passo Fundo, depois de tudo que havia passado. Assim, liquidou todos os negócios e foi embora para o Rio, para cuidar da Ana. Nunca mais tivemos notícias deles.



Apenas, alguns anos depois, alguém, no Rio, teria ficado sabendo que eles haviam ido embora de lá, mas, também, não sabia para onde. Mas que a Ana teria se recuperado bem. E não é que agora todo esse passado retorna com a ida de vocês para Recife? Este mundo é mesmo pequeno!

Foram para Recife; logo na chegada, iriam jantar com o Joaquim e a sua esposa.

Foi então que, próximo da meia noite, tocou o telefone. Atendi ainda meio dormindo e ouvi a voz da minha filha dizer sobre a esposa do Joaquim, “sim, mãe: Ana, médica; meia idade, morena brejeira, olhos negros, baixinha”.



Antes plásticas

Como o senhor gostaria de ser tratado? A pergunta me pegou de surpresa. Desde quando há tratamento especial para quem se hospeda em hotel de última categoria, sem ser identificado? Fiquei sem saber o que responder. Ou se deveria dizer alguma coisa. Prefiri esboçar um sorriso e nada dizer. Tratassem-me como quisessem. Eu não iria responder ou atender. Entraria e sairia do hotel como sempre faço. Grunhiria algo ininteligível quando pegasse a chave e quando a fosse devolver. Não mais que isso. E isso seria muito.

Por aqui, senhor. Segui o rapaz que carregava minha pequena mala. Não a podia perder de vista. O rapaz não usava uniforme. Poderia ser qualquer um. Do hotel ou não. Minha mala é que não podia desaparecer. Tinha nela a minha fortuna: calça, camisa, cueca, material de banho e barba. Um rolo de papel higiênico pela metade. Dois livros ainda não lidos e outro lido e rabiscado. Dois pares de meia. Meus chinelos. Os remédios. Como vi, andando atrás do rapaz, era pequena a minha mala: maleta, para ser mais exato. Mais alguma coisa, senhor? Precisando, só discar para a recepção. Tenha uma boa estada.

Saiu. Pelo menos não ficou esperando gorjeta. Não haveria gorjeta. Nem agrado. Nem sorriso. Meus sorrisos são poucos. Guardo-os para as minhas oportunidades. Quando quero, ou quando, mesmo não querendo, acontecem. Acanhado o quarto, a pia fazendo as vezes do lavatório. Ainda bem que havia uma cadeira, pelo menos poderia subir nela e lavar meus pés na pia. O banho poderia ficar para depois. Para amanhã se tivesse vontade e se o clima não se apresentasse frio. Sempre senti muito frio, principalmente pela manhã.



Aqui está a chave, foi o que disse na portaria, e a joguei sobre o balcão. Pelo menos falei alguma coisa. Se ele for inquirido haverá de se lembrar de mim. Nem tanto pelas palavras, mas pelo gesto de jogar a chave. Nem olhei para trás, saí direto e a rua estava cheia: vendedores, pseudos vendedores, picaretas, prostitutas, pastores e animais diversos. Guardas, nem pensar. Não arriscariam seus parcos salários – ou suas parcas corrupções – num lugar pobre como aquele onde eu estava. E estava por necessidade.

Caminhei alguns quarteirões até chegar à região vizinha. Ruas largas, quase limpas. Prédios melhores e maiores. E os picaretas, lá, são diferentes: paletó e gravata para os homens e terninhos ou saia e blusa para as mulheres. Meias de seda, sempre.

Lá estava o prédio. O contrato exigia a vistoria. Que pelo menos não se dessem conta de como eu estava vestido. Meu paletó, fora de moda. Minha gravata totalmente fora de moda. Os sapatos também não ostentavam o bico da moda. Mas era eu ou eles e lá me fui. O porteiro nem me olhou. É praxe. Porteiro só olha e repara nos bem vestidos. É como ele gostaria de estar e ser. Ser igual na desigualdade, que o tabacudo não conseguiria entender. Nem em mil mortes e renascimentos. Ampla entrada. Os escaninhos de correspondência à esquerda. Algumas pontas de envelopes saindo dos pequenos boxes. Os envelopes têm aumentado de tamanho. Na frente, os elevadores. Dois sofás faziam a ala direita, sobre eles três quadros: óleos sobre telas. Horróricos. Deviam haver custado uma pequena fortuna. Os decoradores sabem muito bem cobrar o que bem entendem. E os síndicos, pagam. E passam o resto dos seus mandatos explicando e repetindo como ficaram bem os quadros sobre os sofás. Quem sabe, em suas casas, dependem coisas iguais, ou piores.

Entrei no elevador. Ascensorista. Mulher sentada lendo uma revista de informações ligeiras. Fotografias, fotografias e focos. Estava realizada a mulher. Seu mundo ampliado na vida dos astros, estrelas, prostitutas caras e picaretas de todos os matizes.



Vigésimo andar, disse. E não disse, por favor, nem obrigado. Ela moveu a mão, apertou o botão, sem ao menos tirar os olhos da revista. Melhor assim, nem se lembrará de mim, nem do andar. Lembrará que a artista fulana, da televisão e das propagandas, no sábado esteve na ilha geral dos artistas e que a comida estava ótima e o vinho foi oferecido pela bodega da esquina e que na quilha do barco todos foram fotografados e estavam lindos. Na próxima semana estreará a nova novela e o horário nobre se renovará na estética e na falta de ética com que os protagonistas se repetirão em mesmos temas pouco mais apimentados que os gostos se aprimoram e se refinam as maldades.

Vigésimo, disse ela. E seu olhar continuava na revista. Saí, sem agradecer. Corredores em duas direções. A sala 2020 seria pela esquerda. A seta indicava. Em passos pausados, avancei. Muita gente nos corredores. Escritórios concorridos, pensei. Homens de paletó e gravata. Mulheres de terninhos ou saia e blusa e sapatos de saltos altos e finos. Não olhei para os lados. Acho que não me notaram. Triste, nenhuma das mulheres olhou para mim, percebi no relance em que meus olhos se deslocaram – sem mover a face – para as que passavam.

Sala 2020. Porta entreaberta. Entrei. Ninguém na sala de espera. Nenhuma secretária: banheiro, almoço, contenção de despesas. Duas portas. Banheiro e escritório. No banheiro, ninguém. Luz apagada. Vazio. Cheiro de desodorizador. Horrível o cheiro. Bato à outra porta. Escuto a voz: entre. Abro a porta e entro. Com licença, digo.

Sentada, atrás de imponente escrivanhinha, a mulher levanta os olhos e pergunta: sim? Sim, eu estava lá. E só tinha que fazer o que haviam me pagado para ser feito. Houve o pagamento da primeira parte. O restante seria depois do serviço feito. Eu seria o feitor do negócio. Era falsa loira e estava vestindo um terninho. Azul, verde? Difícil distinguir essas cores nos dias de hoje. Confunfo-me com as nuances. Usava bonitos brincos expostos nos cabelos colocados cuidadosamente por trás das orelhas.



Sim? Repetiu a mulher. Sim, disse eu. Estou aqui por conta de um negócio que pode ser resolvido de imediato, ou negociado com a senhora, porque estou pensando em me aposentar e a metade que já me pagaram, com o que a senhora poderia me pagar para que o negócio não se completasse, apenas o suficiente para dois anos de aposentadoria. A senhora nem sabe o que me custa dizer tudo isso, pois, se aceitar, meu nome ficará queimado na praça. Terei que sumir de vez. Desaparecer como fumaça e poeira. Terei olhos sobre mim onde quer que vá. Os associados me assediarão. E ficarei fugindo de um lugar para outro. Ótimo, que gosto muito de viajar. E não tenho família ou laços que me prendam em algum lugar. Mas a fuga não é muito agradável. Há o medo de dormir e não acordar. Ou acordar com alguém batendo em você. Ou atirando em você. Mas esse é o negócio e se a senhora quiser, poderemos conversar sobre dinheiro, só não discuto a forma de pagamento: à vista. Depois, sumo.

A falsa loira ficou me olhando como se nada tivesse entendido. Na verdade, dizendo como disse, a coitada não deve ter entendido nada. Um saco. Teria que repetir as palavras. Quem sabe me desdizer um pouco. Quem sabe avançar sobre o negócio que havia me levado ali. Preferi ficar calado mais um pouco. Ela que pusesse sua cabeça para funcionar. Haveria de entender o caso, não seria por nada que ela estava lá naquela sala grande atrás de uma escrivaninha maior ainda.

Foi o que ela fez. Entendeu, senão tudo, pelo menos boa parte. Ficou branca e vermelha. E azul e amarela. Eu ali na sua frente, quieto. Em pé. Com um pé atrás que se ela explodisse eu sairia correndo tão logo completasse o negócio. Azar o dela. E o meu, que teria que continuar no ofício. Ela entendeu. Disse: sente-se. Eu me sentei. Era confortável a cadeira. Cruzei as pernas sem perder a possibilidade de me fazer esperto e direto na ação, se e quando fosse necessária.

Então é isso, disse. Sim, respondi, é isso. Como se fosse a coisa mais natural do mundo e ela estivesse frente a mais um dos



seus negócios. Nem sei que negócios seriam. Na porta do corredor não havia nenhuma indicação, nem sobre sua escrivaninha. Nem uma placa, plaqueta, cartaz, seja lá o que for. Eu é que não iria perguntar. Nem ela teria tempo para responder.

E quem o mandou aqui? Nunca irei entender as razões que levam as pessoas a fazer as perguntas mais impertinentes e inconsequentes. Não há o menor interesse em lhe dizer quem me mandou aqui. Acontece que mandaram. E o negócio foi o que lhe disse. É pegar ou largar. E nem é tanto dinheiro. O bastante para mim; para você, míseros dinheiros. Coisa de troco ou trocado. Até o lavador do seu carro deve pedir mais do que peço.

E como posso saber que é verdade; que você não passa de um pobre coitado, oportunista que, vendo a porta aberta, entrou e veio com essa história maluca só para me tirar algum dinheiro? Eu não seria esperto o suficiente para pensar numa história dessas. Só a sei por que é verdade. E eu sou o mensageiro, executor e feitor. Por isso estou aqui e porque estou aqui e estou cansado pensei em lhe fazer essa oferta. Se você fosse homem, quem sabe, nem teria falado nada. Entraria, faria o serviço e iria embora. Meu pagamento está garantido.

Podemos detalhar melhor o negócio? Como saberei que não voltará para terminar esse serviço? Como ter certeza de que a sujeira não se repetirá? Como terei confiança em que tudo começou e terminou tão rápido e simples? Lógico que você não me passará recibo do serviço e da quantia que porventura vier a receber, não é?

Soube ali quem ela era. Pelo menos, o que fazia. Era consultora financeira. Só um consultor financeiro, muito mais do que um advogado, ou ministro de estado, ou pastor religioso, ou jogador de futebol explicando a derrota do seu time, seria capaz de fazer aquelas perguntas. Fiquei momentaneamente tonto. Mas me protegi, bem que ela poderia ter me derrubado ali, naquele primeiro assalto. Era só ter feito mais duas ou três colocações



daquelas. Fingi bem meu distanciamento e respondi: é pegar ou largar. E largar significará que terei que completar o serviço.

Está bem, disse-me ela, eu pago o que você pedir, mas preciso de uma única informação, nem precisa ser direta, é responder sim ou não, ou mexer com a cabeça: foi meu ex-marido? Não, respondi. Foi alguém da minha família? Não, respondi. Algum cliente? Sim, respondi. Por favor, preciso do nome. Não posso lhe dizer. Poderia ser usado contra mim. Fico quieto.

Não, seu panaca! Gritou ela na minha direção. Você não está entendendo. Só preciso o nome do canalha porque dele é que irei tirar o dinheiro para lhe pagar. E o pateta nem ficará sabendo. Apenas achará que neste mês suas aplicações não renderam tanto quanto nos anteriores. E assim, de pouco em pouco, em pouco tempo farei a maior limpeza no que ele tem aplicado comigo. E adeus dinheiro. Um pouco para você, e você ficará satisfeito, até porque irei pagar-lhe mais do que me pediu. Quem sabe dará para uns 3 ou 4 anos de aposentadoria: depende do que gastar com bebida, drogas, jogos e mulheres ou homens. O restante será meu e o gastarei como bem quiser: novos quadros nas minhas paredes, como os que decoram o hall de entrada do prédio, por exemplo. Empunhei o revólver e disparei todas as balas. Ela caiu com os olhos arregalados. Estava morta antes de chegar ao solo.

Minha chave, pedi sem olhar para o rosto do recepcionista. Subi ao quarto. Lavei o rosto. Escovei os dentes. Arrumei minha mala. Deixei um dos livros de fora, iria lê-lo na viagem: Artes Plásticas, coletânea de artigos do escritor Harry Laus, organizada por sua irmã, Ruth.



Autógrafo

Livros Usados. Sebo. Carinhosa forma como entendemos ficarem os livros após o primeiro manuseio. Seboso. Lustroso da gordura e do suor desprendidos das nossas mãos e dedos. O hábito de molhar o dedo na língua para virarmos as folhas. Hábitos salutareos de leitura.

Gosto das lojas de livros usados. É onde busco as obras que não li no tempo certo. As que me ficaram na memória. A recuperação das que foram emprestadas e não voltaram. Aqui as encontro. Aqui me encontro. Sou intelectual, um literato. Fui professor universitário na área de letras. Literatura. Mais que professor, autor. Sim, no meu caso, o autor se sobrepôs ao professor por que foi fruto do conhecimento: a temática, a forma, a distribuição dos personagens, a descrição dos ambientes, a montagem das cenas, os diálogos. Nada ao acaso. Nenhuma palavra vazia de significados. Enxuto, escorreito, concreto e extremamente simples. Esse o romance. Essa a glória alcançada.

E aqui, na prateleira baixa de um Sebo, repousa um dos meus tantos exemplares. Também, quanto tempo passou desde o seu lançamento? Vinte e cinco anos. Uma eternidade em termos terrestres. Um lustro. Tantas saudades. De quem o livreiro terá comprado? Alguém que morreu? É triste verificar que quando morre alguém, logo após chegar o homem da funerária, chega o livreiro. Viúvas. Quantas vezes minha mulher anuncia: você sai por uma porta, os livros irão atrás. Chega de limpar prateleiras, chega de não poder abrir as janelas. Chega de tantas palavras. Você se imobiliza em seu leito de morte. Eu mobilizo seus decantados livros: ordinário, marchem! Acho graça na maneira como ela fala, sei que não terá



coragem, mesmo porque também é boa leitora. Apaixonada por histórias ligeiras. Ação. Movimento, menos diálogos e mais ações.

Minha obra prima. Meu legado à posteridade. Por ele recebi o prêmio maior que havia na época. Toda a municipalidade reunida na Câmara de Vereadores. Discursos dos edis. Meu discurso de agradecimento. O certificado materializando o prêmio. Entrevista ao jornal e à rádio: entrei ao vivo, logo após o noticiário do meio dia.

Sei cada detalhe do meu livro. Nasceu da provocação dos alunos; do Lino, principalmente. Rapaz arrojado, ousado, sempre procurando algo em desafio, com que pudesse dialogar em francas discussões políticas, filosóficas, artísticas, esportivas. Fosse o que fosse lá estava ele em altos brados defendendo com unhas e dentes os seus propósitos, suas proposições. Gesticulando, alterando a voz e ao mesmo tempo mantendo a mente aberta ao que pudesse vir de bom do outro lado. Toda a moeda tem dois lados, repetia. Raro o dia em que não ficasse após a aula tentando tirar de mim, seu professor, mais alguma informação que pudesse completar o raciocínio em relação à matéria, ou sobre o que os jornais haviam noticiado no dia. Tantas palavras. Textos e textos: os novos, os modernos, o pós-modernismo, os clássicos. E, de tantas discussões, a questão posta em debate: seria o professor capaz de produzir uma obra que abrangesse todas as facetas da vida e, mesmo assim, fosse literatura? Além de Proust, além de Joyce, além de Mário de Andrade e Machado de Assis, além de Neruda e Rilke, além Drummond e Bandeira, deixando para trás os simbolistas e os parnasianos? E a discussão se estendia à cantina da faculdade, aos barzinhos do centro, aos encontros nos cabarés da época.

E daí, professor, nada ainda? Era a senha que o Lino usava para manter o assunto em pauta. Não, rapaz, o projeto está andando. Para quando, professor? Para breve, para breve. Uma frase, uma página, uma folha, um capítulo, um título, a metade, o entremeio, o quase quase, o finalmente. Fim. Estava pronta a



obra. Estava esgotado o autor. Pesquisas. Lembranças. Correções. Reescrever um capítulo inteiro para colocá-lo de acordo com o próximo. Revisões intermináveis.

Caros alunos, e coloquei toda a pompa na minha voz, *fiat lux!* Está escrito, no prelo e o lançamento ocorrerá antes do final do semestre letivo. O silêncio, a incredulidade, o espanto. Lino levantou-se, acalmou o pessoal e fez um dos mais belos discursos que ouvi em minha homenagem. Nem quando me aposentei alguém chegou perto do que ele disse da minha capacidade, camaradagem, conhecimento, tenacidade, honestidade e por aí foi falando. Chorei. Chorou. Choramos todos naquela sala. Lino, meu aluno modelo. Eu, o mestre que se completou como tal naquele dia.

E agora, todas essas lembranças naquele exemplar ali, parado - imóvel - na prateleira baixa. Não tenho coragem de me aproximar. Pegá-lo. Abri-lo em qualquer página. Reler um pequeno trecho. Relembrar o momento em que coloquei aquelas palavras. As razões de ter sido daquela forma. Não, por enquanto, que fique um pouco mais onde está. Intocável.

Então houve a noite da festa de lançamento da obra. O hall do departamento engalanado, tantas pessoas: autoridades civis, militares, religiosas, professores, familiares, amigos da imprensa, políticos, juizes, funcionários e alunos. Posso dizer que todos os meus alunos daquele ano se fizeram presentes. Organizaram a cerimônia da festividade, cuidaram das autoridades, fizeram sala para os visitantes, disseram a todos sobre a grandiosidade do evento, da sua importância para a literatura e a cultura nacional. Eu era o mérito, o benemérito espírito acolhido em honras e glórias. O sucesso. E o Lino coordenando e supervisionando todos os atos, de olho em tudo. Brilhante rapaz! Li no jornal, semana passada, que ele foi nomeado vice-diretor de algum órgão importante na capital da república. É quase ministro de estado. Uma sumidade reconhecida. Faz algum tempo que não temos contato. Terei de verificar quando será a sua posse, mandarei um telegra-



ma, ou fonograma, enfim, alguma mensagem de parabéns pelo cargo conseguido. E conseguiu pelo seu esforço. Nada de compadrio, só seu trabalho pertinente, consistente, fruto, sei, das aulas que teve comigo naquele período. Lá ajudei a solidificar não só o seu conhecimento, como a formar o seu caráter: ética, meu rapaz, essa a palavra do mundo! Ele ria abertamente e respondia, sim, professor, deixa comigo.

Também por isso meu livro foi sucesso. Além dos méritos inerentes à obra, pelo trabalho dos alunos, pela demonstração de carinho dos meus pares e, no fundo, pela persistência do Lino, meu dileto aluno, em organizar, sistematizar, supervisionar e dirigir a festa de lançamento. Sem ele, não sei se os demais seriam capazes de terem dado ao evento o brilho que ele merecia e teve.

Pego o livro na prateleira. Está como novo. Como se nem tivesse sido manuseado. Não contem o suor e a gordura que costumamos deixar em suas folhas quando o seguramos e viramos suas páginas. Um livro novo, digno de uma livraria, não de um sebo. Meu livro, meu trabalho, meu destino, minha vida.

Abro em sua primeira página e lá está a dedicatória, com minha letra firme e exata, “Ao meu melhor aluno e dileto amigo, Lino, do seu mestre em sua essência.” A minha assinatura e a data fatídica daquela noite da festa de lançamento.



Cecílias

As cecílias fecharam seus cadernos onde registravam, não em forma de diário, mas diariamente, seus poemas. Às cecílias é dado o direito e o poder de registrar poemas, trançando entre todos - se um dia pudessem ser reunidos - o que chamamos de poesia. Mas, na sequência do que foi escrito, as cecílias haviam fechado seus cadernos, como gesto de abandono ou desistência. Se as cecílias não mais escrevessem seus poemas e não os deixassem registrados em seus cadernos, a poesia sumiria das nossas vistas e nossas vidas não teriam mais a magia decorrente. Estaríamos presos em eternas correntes cecilianas e arrastaríamos nossas mágoas em incertas horas de não adormecer ou de nos alimentar, que as letras são a primeira e a última refeição de cada dia. Não podem as cecílias por isso ou por aquilo, de repente e nas razões indiretas do que pensam em uníssonos, ter tal desistência, adormecimento ou esquecimento. As raivas não se coadunam com as cecílias e delas tomam distância, para não serem transformadas em bonitas figuras decorativas, em amores conquistados entre manchas sobre as toalhas de mesa, ou naquelas pequenas marcas sobre as roupas. As cecílias têm - ou tinham - consciência do que representam os seus textos, muitos entremeados com figuras e desenhos de flores ou animais de estimação, recortados e colados em seus cadernos, para as demais pessoas que se chamam álvaros, américos, marthas, clarisses e possuem segundos nomes, como pedros antônios, pedros josés, tânias reginas ou marias antônias, anas marias e paulos cesários; as cecílias transitam sós em seus nomes e aceitam apenas únicos sobrenomes, escolhidos para que sejam confortáveis aos poemas e deles não se destaquem nem os atralhem quando forem lidos e lembrados.



Os cadernos das cecílias estão fechados. Uns foram guardados em gavetas, sob outras coisas ou livros, outros ficaram sobre as mesas, escrivatinhas ou nas mesinhas de cabeceiras (deses, temos esperanças de reencontros ou revoltas) entre contas e breviários, despertadores e luzes menores. A maioria foi colocada em lugares secretos, fechados à nossa imaginação e conhecimento. Nesses repousa o mais grave: o nunca mais serem manuseados, nem sequer lembrados e terem seus poemas consumidos pelos tempos em que as cecílias, completando as cenas, também forem se esquecendo deles e, trocando de nome e esquecendo que eram cecílias, se transformem em pessoas como nós, com os nossos nomes e as nossas artimanhas, desconsiderando os poemas guardados no esquecimento com que as letras vão esmaecendo até que nos cadernos sobrem apenas alguns rabiscos em cada folha e não se possa recuperar o que foi escrito, nem ao menos saber que naquele caderno repousou uma vez uma cecília. A criança a quem for dado o caderno terá noites de insônia, o sono agitado de quem recebe a visita de cecílias; em cada amanhecer terá a tentação do grafite e, como ainda não sabe das palavras, preencherá folhas e folhas com figuras, traços e rabiscos e, mesmo que o que faça também possa ser poemas, não serão os poemas originais lá deixados pelas primeiras cecílias. Mesmo que essas crianças perdurem em suas vontades, não alcançarão a glória dos escritos cecilianos. Serão apenas traços e rabiscos, depois letras mal enjambradas, palavras mal escritas, versos tortos de desanimados seres que vieram depois do quando as cecílias pontuavam seus poemas no final das tardes e com cuidado guardavam seus cadernos para que as noites lhes fossem leves e seus sons fossem calmos e não sonhassem além do que haviam escrito naquele dia e no outro e assim sucessivamente, até que o caderno fosse completado e, na verdade, para que ficassem completos, as cecílias escreviam nas contracapas, nas terceiras capas, antes e após as últimas linhas, nas capas e nas últimas capas. Nem um espaço podia sobrar, mesmo que para isso tivessem que diminuir as le-



tras, juntar palavras, mudar sentidos e, finalmente, antes de passar para o próximo caderno, lançar como despedida uma última frase poética sobre o tanto que lá estava escrito, ou sobre o rapaz conhecido naquele dia, ou sobre a tristeza de ele estar completo e nele não poder ser lançado mais um verso categórico ou oscilante sobre a vida, a obra, o dia e a noite cecilianamente encerrada em nuvens e estrelas alternadas.

O fechar dos cadernos das cecílias correu mundo; mesmo as pessoas mais brucas, ríspidas, mentirosas ou fascinantemente comprometidas com a escuridão e a maldade, sentiram os movimentos ritmados com que os cadernos foram fechados. O abandono da ideia que a todas permeava na certeza com que seus versos não eram entregues em cada tormento, a maneira singela e clara com que seus poemas nos consolavam. Estávamos órfãos, cada pedro, cada paulo, cada regina ou tânia, cada marina ou mariana, cada um que carregava dois, três ou mais nomes, que as cecílias de simples nomes haviam decidido, sem falar umas com as outras, sem ao menos serem conhecidas entre si, que os cadernos não eram mais necessários e que a poesia (antes de se transformar em outras letras que não aquelas) havia terminado. Os cadernos, mesmo os incompletos e até mesmo aqueles que as cecílias mais jovens estavam começando, foram fechados, assim como passa o vento diante das nossas janelas e só o sentimos se abrimos os vidros e pusermos os braços para fora, e se encerraram sem barulhos, sons ou o mero farfalhar das folhas. São discretas as cecílias com suas obras, com os invólucros e com os gestos. São discretas como seus olhos captam os movimentos vindos de dentro e de fora de cada uma delas: são discretas quando escondem suas lágrimas.

Estamos aqui, desceciliados, na orfandade dos versos e dos poemas completados ontem, antes e por todo o sempre. Não há palavra que nos defenda ou que nos arremeta ao amanhã; os amanhãs serão iguais ao ontem e cada um de nós será sua própria palavra: fúnebre, alegre ou triste, desconstruída ou arranhada em



paredes. Nossos grafites estão quebrados, nossas lanças estão partidas, nossos sonhos estão acordados. Ainda nos sobram as lâminas das facas e com elas, em último e desesperado gesto, faremos nos troncos das árvores entalhes de corações atravessados por setas e dentro deles escreveremos com a força resultante, sempre e em cada um, o mesmo nome, repetido e no plural, pois plurais são as cecílias que escrevem em nossas vidas os poemas mais belos.



Consemeadores

Um telefonema inesperado. Há mais de vinte anos que não se viam. Haviam sido colegas no primário e no ginásio. Depois, se separaram; Marquinhos foi para o noturno e ele, Zé, ficou no diurno. Marquinhos fez concurso para alguma coisa, passou e assumiu numa cidade longe. O Zé foi para a capital cursar a faculdade. Formou-se e foi trabalhar num escritório conceituado como colaborador, associado, depois sócio, acabou dono; era o doutor José.

Do Marquinhos, no início, teve notícias esparsas. Uma ou outra pessoa dizia algo sobre ele. Depois, a mãe dele, que de vez em quando encontrava pela cidade, viúva, faleceu. Não soube mais nada dele, até hoje, quando esse telefonema despertou as lembranças do tempo que tinha como a fase de ouro da sua infância e juventude.

Tanto tempo! Esta vida é uma droga! Muito trabalho, competição. Para os amigos não sobra tempo. As férias, os feriados, qualquer tempo vago é ocupado por mil atividades: compras, contas, um cinema superficial, um almoço ou jantar de família.

O Zé estava separado, os filhos crescidos e independentes. Sozinho no apartamento onde havia ido morar quando virou sócio do escritório. Um dos motivos da separação. Sua ex-esposa não entendeu como um profissional de sucesso, ganhando rios de dinheiro, podia ficar morando naquele “pardieiro”. Ele negava qualquer proposta de saída: o apartamento era bem localizado em relação ao escritório; próximo aos restaurantes e bares de sempre, dos jornais e revistas, do barbeiro, da banca de frutas. Não seguiria seus conhecidos, de bairro em bairro, sempre que outro lugar



virava moda. Comprar outro imóvel, mobiliá-lo na frieza de uma nova morada não o seduzia. Era conservador. Tanto não se mudou que a mulher acabou se mudando sozinha. Também não tinha apego ao dinheiro. Está certo, era difícil ganhá-lo, mas dava para as despesas. Fez acordo com a ex-mulher. O resto entregou aos filhos como antecipação das pensões, até que completassem seus estudos e pudessem se estabelecer profissionalmente.

O Zé estava tranquilo no seu canto. Uma faxineira duas vezes por semana: limpava, arrumava a louça, lavava, passava e guardava a roupa, trocava as toalhas e os lençóis. Quando voltava para casa, nas duas noites, estava tudo arrumado. Ela não mexia em seus discos e livros. Nem na sala, nem no quarto, muito menos no banheiro.

Agora, o telefonema do Marquinhos. Grande Marquinhos! O moleque da turma, sempre imitando alguém, rindo de alguém. Irresponsável geral. Disse estar aposentado, que também estava separado e que não tivera filhos. Sozinho naquele lugar distante, cansou, e havia decidido voltar. Sim, voltar para a capital onde sempre morou o Zé. E o Zé poderia recebê-lo por uns tempos? Até que se decidisse por um apartamento, ou que entendesse que o melhor seria morar em outra cidade? Não, o Zé não se preocupasse que a sua aposentadoria era boa, suficiente para suprir suas necessidades e vontades. E, aceitando, quando achasse que ele, Marquinhos, estivesse incomodando, não haveria problema, no mesmo dia iria para algum hotel ou pensão.

Mesmo com o serviço do escritório e a situação decorrente da separação, o Zé ficou feliz. Tanto faz se não vejo o Marquinhos há tantos anos ou se dele não tive notícias; o cara ligou e conversamos como se ontem ainda estivéssemos juntos. A conversa correu fácil. Disse ao Marquinhos que iria ser uma alegria, ainda mais estando solteiros. Está certo que estou enferrujado, mas, iremos à luta. A capital tremerá com o nosso reencontro.

Assim disse, assim foi. Marquinhos chegou cheio de malas e presentes. Trouxe lembranças de onde veio: a cachacinha



especial, a rede, discos e gírias desconhecidas. Foi recepcionado com alegria. Que prazer, rapaz, que prazer!

Por curto tempo foi uma festa só. Marquinhos aparecia no escritório um pouco antes da hora do almoço, iam testar os restaurantes que o Zé frequentava. À noite, barzinhos, cinemas, teatros. Algumas boates.

Cansaram. Não tinham mais idade para tantas saídas. Marquinhos ficava em casa, almoçava num restaurante por quilo, perto do apartamento. O Zé voltou ao trivial. À noite, o Zé chegava cansado em casa. Um banho, um aperitivo rápido, um lanche qualquer diante da televisão – os noticiários e as notícias do tempo – e, boa noite. Estavam dormindo cada vez mais cedo.

Naquele final de tarde, o Zé chegou cansado, como sempre. Não havia sido dia da faxineira, mas o apartamento estava limpo. No banheiro, toalhas limpas. Na cama, lençóis limpos. No fogão, panelas com o jantar. Uma beleza. O Zé estranhou. Marquinhos avisou, Zé, eu não tinha nada para me ocupar, resolvi fazer a faxina, arrumei o apartamento, troquei toalhas e lençóis e, para comemorar o meu trabalho, preparei um jantar especial para nós. Trouxe o vinho. O Zé tomou seu banho, barbeou-se, sentou-se à mesa. O vinho estava servido. A comida, impecável. Elogiou o trabalho do Marquinhos, conversaram mais um pouco e foram dormir. Naquela noite não ligaram a televisão.

As noites se sucederam. A faxineira foi dispensada. Marquinhos – sabe como é, Zé, cansei de não fazer nada, espero que você não se incomode – tomou conta de tudo. E cozinhava muito bem o malandro!

O Zé chegou e da porta de entrada sentiu o gostoso cheiro da comida. Seu uísque estava servido, colocado sobre a mesinha de sempre. Marquinhos já conhecia as suas vontades. Deu boa noite, ouviu a resposta e foi direto para o banho. Quando voltou, a mesa estava arrumada para o jantar. Caprichou o rapaz, serviço de primeira. Ao entrar na cozinha, levou um susto. Marquinhos estava de cabelos cortados de maneira diferente, e avermelhados.



E não estava só com o avental por cima da roupa, estava de vestido e sapatos de salto.

Calma, Zé, disse Marquinhos. Acordei e pensei, se estou aqui, vivendo como se fosse a faxineira, a cozinheira, a camareira do Zé, porque não me visto assim? Fui ao cabeleireiro, cortei e pintei os cabelos, fiz as unhas. Numa loja, comprei as roupas, em outra, as meias e os sapatos. Fiquei bem?

O Zé estava sem palavras. Não queria olhar a figura do Marquinhos travestido. Fechou os olhos, respirou fundo, enquanto pensava em todas as vantagens advindas da vinda dele para o seu apartamento. Muitas vantagens, concluiu. Respondeu grave, nada Marquinhos, cada um faz o que quer da sua vida. E o que temos para o jantar? O início foi constrangedor. Olhava e via o amigo, mulher transformada, maquilada com batom, base e sombra nos olhos. O que era aquilo? Como seriam as coisas dali pra frente?

A comida, ótima. A sobremesa, excelente. O vinho, divino. Sim, elogiou a bebida. O vinho está divino! Marquinhos sorriu; depois do jantar, serviu o licor. Beberam aos bons tempos. Beberam outro licor. Passaram para o conhaque. Esvaziaram a garrafa. O sorriso do Marquinhos, pensou o Zé, está tão bonito.

Acordaram ao mesmo tempo, ainda abraçados, como deviam ter passado a noite. Marquinhos sorriu e o Zé o beijou com força e vontade.

A vida, disse o Zé, muitas vezes demora a se apresentar. Marquinhos se levantou e foi para o banheiro. Zé ouviu o barulho da água do chuveiro e a voz cantando algo romântico. Abriu a gaveta, retirou o revólver, mirou na sua cabeça e disparou.



Escondidos e não se mostram

Éramos os escondidos, os que não se mostravam e não se olhavam. Vivíamos no escuro de funda caverna. Conjunto de cavernas subterrâneas e tínhamos vigias em cada entrada. Antes das entradas, que nem nossos vigilantes podiam ver a luz. Éramos escuros em nosso mundo e assim sempre fora, porque as lembranças eram orais e é difícil guardar alguma coisa além do seu próprio tempo, quando não nos vemos e não nos enxergamos e não escrevemos ou anotamos. Éramos felizes como são felizes todos os que se conformam com suas situações. Tínhamos mulheres e filhos e as mulheres tinham homens e filhos. E os filhos eram dos dois sexos. Se não nos olhávamos, apalpávamos e no contato físico tínhamos a ideia de quem éramos e como éramos fisicamente. Mas nada dizíamos sobre o que pensávamos. E o que éramos e o como éramos ficava restrito a cada um de nós.

No escuro onde vivíamos, caçávamos nossa alimentação, dos arbustos próximos à entrada da caverna (muitas vezes o coletor tinha que caminhar de costas até o arbusto e dele tirar a seiva, o galho, o caule, a fruta e a raiz com que nos alimentávamos no escuro). E havia animais que se aventuravam em nosso ambiente, ou fugindo da chuva, ou fugindo de outros animais maiores, ou porque se perdiam e eram nossa alimentação. Tínhamos fungos e animais peçonhentos e escuros como nós. A água era abundante, fresca e fria; o sal, tirávamos da terra, porque o sal é da terra, desde que as águas baixaram naquele tempo do qual ninguém se lembra mais.



Assim vivíamos, perambulando entre galerias escuras, tateando caminhos até aprendermos os passos e as distâncias e o quanto estávamos longe uns dos outros, mesmo estando pertos os corpos entre aquelas paredes, e não tínhamos ofício nem vícios porque nada enxergávamos e o pouco espaço em branco estava dentro de cada um de nós. Mas lá fora havia o perigo e seríamos exterminados se da caverna saíssemos. Era a única verdade que passava de pai para filho e de avô para neto e de ancestral para descendente. E nunca alguém havia desobedecido e saído para ver o que havia lá fora e o dentro era tudo e éramos felizes com o que tínhamos. Todos são felizes com o que têm.

Vivíamos em regime de cooperação. Uns cuidavam de algumas coisas, outros de outras coisas. E ficávamos doentes e sobre nós eram colocados unguentos e terra e nos pegavam no colo e aqueciam o nosso corpo. Mas não cantavam para nós. Ninguém cantava naquela caverna escura. E não havia o sentido do medo. Desconhecíamos o medo. Sem cobiça, sem inveja, sem ciúmes. Éramos os que se escondiam e não se mostravam. E não sabíamos do outro a face e o corpo. Como nada víamos, não comparávamos uns com os outros. Nada era desfavorável. Não tínhamos espelhos, nem a água – na profundidade da caverna – tinha o que refletir. Não conhecíamos a imagem. Tudo e todos eram apenas os contatos. Como nos pegávamos, como nos embalávamos. O cheiro e o hálito. O humor. Éramos o que éramos, porque no escuro somos o que somos. Não imaginávamos o belo, nem diferenciávamos uns dos outros: porque esse é belo, porque aquele é feio e velho. Ou porque o velho teria que ser feio e o jovem, belo. Nada disso fazia parte da nossa vida. Nossos filhos não eram melhores que os filhos dos outros. E hoje eram nossos filhos, amanhã poderiam ser de outros; não tendo a imagem, nem a comparação pela imagem, não tínhamos o sentido da exclusividade, éramos todos e éramos um. O sexo era o momento de prazer e, como vivíamos ali mesmo e dali não sairíamos, estávamos sempre próximos uns dos outros – e era escuro e não nos olhávamos – e podíamos estar com um



ou outro. Não havia regras, nem restrições, nem imposições, nem riqueza, nem pobreza, nem o certo, nem o errado. Éramos seres dispostos e necessitados. Mas havia carinho e ficávamos longos tempos com as mãos entrelaçadas, ou com as mãos passeando pelo corpo do parceiro. E sabíamos dos pontos de contato, de onde o calor subia pelo corpo e quando era a hora do encontro e da chegada.

Éramos baços do que não víamos, não como aqueles que ficam cegos durante a vida e mantêm as lembranças de quando enxergavam. E sabem diferenciar as cores, porque as cores haviam conhecido. Não tínhamos cores, nem sabíamos que havia algo além do escuro. E o escuro era o nosso conhecido. Dele tirávamos proveito ao tentar pegar a caça que, vinda do exterior – e da claridade –, lá estava ofuscada pela escuridão e fazia barulhos e movimentos e por isso tínhamos sua localização exata e a pegávamos e a matávamos e a comíamos. Comíamos tudo cru e tínhamos que comer logo antes que estragasse e sabíamos que estava estragado quando cheirava mal, como cheiravam os corpos dos que morriam e, naquele escuro, eram levados para a última galeria, a que tinha o buraco no chão e do buraco não se enxergava o fim, afinal, nada se enxergava naquela profundidade e lá jogávamos os corpos e ficavam fedendo e fediam por muito tempo. Muitas vezes, quando o cheiro de um estava terminando, morria outro e os cheiros se multiplicavam. Colocávamos ramos de arbustos sobre os narizes ou peles de animais de caça. Ajudava um pouco a diminuir o mau cheiro.

Éramos a vida e a morte igualadas naquele buraco e mesmo o pouco que tínhamos não era nada. Os vigilantes eram parte da história que não sabíamos mais contar. Mas lá ficavam, na entrada, impedindo que alguém pensasse em sair. E eles nunca eram trocados, pois tinham visto réstia de luz e aquela pouca luz deveria influenciar seus pensamentos. Três vezes por dia falávamos com eles – e eles moravam lá, na entrada, com suas famílias e, interessante, nunca tiveram filhos, ou seus filhos nunca desce-



ram até a caverna. Como dizíamos, a luz os cegava e deles tirava a condição de gerar novos filhos para o nosso povo, do escuro, dos escondidos, dos que não se mostravam e não se olhavam – e, quando não mais respondiam, outro era encaminhado para a entrada e de lá dizia não ter encontrado os restos do vigilante anterior, nem sinais da sua família. Era o mistério – e por isso ficávamos na caverna como haviam ficado nossos ancestrais desde o começo e por todo o sempre.

Éramos os que se escondiam e no esconderijo dirigíamos nossas vidas como vocês dirigem suas vidas aqui em cima. Só que vocês se mostram e têm espelhos onde se olham e através da imagem se comparam com vocês mesmos e com os outros. E choram suas belezas porque sabem que não perduram e choram suas feiuras porque se sabem mais feios do que os outros. E dos sorrisos fazem risos. E das verdades criam mentiras. E do que é simples geram promessas. E o mundo de vocês, claro e escuro, colorido em matizes, os faz infelizes todos os dias. Precisam sair de suas cavernas, ludibriar seus vigilantes, ir à luta – não podem ficar esperando a caça – e na batalha se sujeitam a ganhar, e a glória é efêmera; e a perder, e a perda é definitiva. E falam de suas vidas como se fossem as melhores. Como praticam esportes e como trocam de esposas e têm as maravilhas aos seus pés: viagens, berloques, joias, bebidas, artes e hospitais e médicos. E o policial na esquina protege uns dos outros, porque uns e outros não se entendem e procuram tirar proveito, e não aproveitam o claro e a imagem e a verdade que se mostra inteira.

Éramos e somos os escondidos, os que não se mostram e que não se enxergam e esse relato é para que todos se lembrem como é lá fora e fiquemos na proteção que há dentro de cada um de nós.



Melhor terminar assim

O apartamento começa ruim pela rua, emenda no triste prédio de acabado elevador, antiquado, e termina na porta de entrada. Uma merda de apartamento, descoradas paredes, três peças: quarto, banheiro, sala conjugada à cozinha. Sem área de serviço. Nenhuma máquina. Nem liquidificador. Fogão de duas bocas, sem forno. Duas canecas, uma para esquentar o café, outra para a água. Sem panelas. Só uma frigideira em que a gordura se eterniza. O cheiro e a sujeira das frituras impregnam as paredes. A pia repleta de pratos e talheres sujos; não que seja grande, ínfima no que suporta os poucos pratos e talheres. Torneira gotejante. Única janela basculante onde é impossível ver o lado de fora pela poeira acumulada e a gordura sobreposta. Cheiro ruim como se por ali tivesse ficado a carniça de algum bicho. Na sala, um velho aparelho de televisão, um antigo toca-discos, poucos discos empilhados sobre o chão. Nauseabundo chão onde, outrora, devia ter sido assentado carpete da melhor qualidade. Só os buracos, o desfiado e o imundo concreto aparecendo. Cama de solteiro, travesseiro marrom de sujeira e restos de fixadores de cabelos. Nem foi da sua cabeça. Do antigo inquilino. Sem fronha. Sem lençóis de cima ou de baixo. O colchão de crinas rasgado em tantos lugares. O banheiro pior que o resto. Vaso entupido, malcheiroso. A pia rachada, amarelada na louça inicialmente branca. Restos de cuspidas. Restos de barbas mal feitas. O espelho, única peça limpa do apartamento. Disponível para o rosto desfeito em sonos e mal



dormidas noites. Olhos vermelhos da bebida. Alguma droga. Tão caras as drogas. Melhor ficar com as bebidas, mais baratas, mais intensas, se não nos sonhos, pelo menos, no sono. Pelo menos não fumava. Não fumava mais. Havia fumado muito, manchando os dentes. Perdendo os dentes. Na boca tantas dores. Dentes cariados, não tratados. Impossível lembrar se quando menino ia regularmente ao dentista. Nem da infância lembrava. Uma caixa como armário e criado mudo. Sobre o criado o relógio, parado. O despertador, parado. O telefone, desligado. Bem que podia ter um refrigerador. Uma geladeira. Um balde para o gelo. A bebida quente transtorna o estômago vazio. Por instantes se acredita doente. Bem que poderia estar doente. A morte rondando a porta. A campainha, estragada. Sair da cama, lavar o rosto, bochechar a água dentro da boca. Cuspir a água aumentando a sujeira da pia.

O dia todo para escolher a roupa que vestirá. Terá que sair. Não há mais bebida. A comida acabou. Terá que arrumar dinheiro para o aluguel, vencido. Para a energia elétrica, vencida. Para alguma comida. Terá que arranjar dinheiro para não ter que escarafunchar as lixeiras. Pelo menos não pegava mais os tocos de cigarros nas sarjetas.

O café passado como o de ontem e o de anteontem. O jornal amassado sobre a mesa. Velho e ultrapassado. Maldita mania de recolherem os exemplares anteriores. A fotografia daquela mulher linda, maravilhosa, gostosa, lustrosa em sua magreza, explícita figura de outro mundo. Seu mundo de antes. Seu mundo de agora se resumia em se achar vivo, no se entender morto para aquele outro mundo. O mundo dela. Onde ela sempre esteve. Ou quase.

Quase, pensou. Não fosse o encontro e quem sabe ela nunca viesse a participar do mundo dos jornais e revistas. Teria ficado restrita ao seu pequeno mundo, pobre, triste, cinza. Teria valido a pena? Para ele, para ela? Aquele sorriso maroto, mas sem maldade. Os dentes, como se colocados pelo melhor ortodontista, eram verdadeiros. Inexplicáveis os caminhos. Nem comia doces e tinha



os dentes cariados. Ela comia todos os doces e seus dentes permaneciam intactos. A boca, a língua. Dois olhos lindos, tentadores, fixados em seu rosto. Seu corpo estendido sobre a cama. Não aquela cama imunda. A cama que merecia um corpo daqueles. Caro e saudável. Impecável nos pecados acostumados a praticar. Caída em seus braços. Tão linda como na fotografia estampada no jornal de agora. E foi há tanto tempo. Teve um começo. Um meio. Um fim. Diversos fins até o final infeliz de que se lembra.

A traição, o roubo, a apropriação. A mentira deslavada com que tentou justificar os fatos. Os atos praticados. Onde estava com a cabeça para perdoar a agressão barata? Como não sentir a falsidade entre olhares e sorrisos? Beber, sim, beber para esquecer, como nas histórias contadas em bares caros, nem tão caros, baratos, no meio da rua, no beco escuro, naquele apartamento fétido. Uma mulher destrói um homem. Fica por isso. Como concentrar a sua raiva e a transformar em vingança?

Coloca um disco na vitrola. Fanhoso, saltitante em tantos riscos. Bebe o primeiro gole de mais um dia. Saco. Bebe o segundo gole e seu braço alcança a faixa desejada. Despejada canção de amor maior, menor, mínimo, mera lembrança. Ela entrando na sala, sendo desejada, se fazendo desejar. As imagens se embaralham. Olha para o banheiro, mira o espelho. Está só com as ilusões de sempre. Ela foi embora faz tempo.

Tinha o controle de tudo. Tinha sido o melhor aluno. Quem mais havia aprendido. Sabia do dinheiro; como ganhar, investir e gastar. Sempre haveria mais. E estava ganhando aquela mulher, tal qual brinde e prenda. Recebeu-a em euforia. Teve-a por inteiro. O beijo, o abraço, o corpo, o sexo. A animalidade explodida em gestos. A oferenda e a oferta. Era ele quem mandava. Era ele quem achava que mandava. Ela tinha o controle de tudo. Ele era o controlado. Submisso àqueles cabelos longos, subserviente aos olhos quentes, serviçal ao sexo incontrolável com que ela lhe fazia ver quem efetivamente mandava. Ofegante, cambaleante. Pílulas. Pílulas. Anabolizantes. Estimulantes. Sexualmente esti-



mulado. A fome, a bebida, a droga. O vai e vêm dos corpos sobre a cama. No chão, no sofá, quase em praça pública. Noites, dias, a consumação do pecado na luxúria. A gula. O fastio no bocejo. O desvio do corpo. A boca fechada. O desprezo. O riso. O escárnio.

Como ficar quieto? Como não dizer estar cansado? Palavras simples, como pedido de perdão antecipado. O tempo pedido. O preço combinado. Cada um para o seu lado. O dele, o mesmo. O dela, o novo mundo conquistado. Serena, arrebatada, recebida e aplaudida. Ele, quase nada. O novo se fazendo velho. A descontração punida na demissão imotivada. Alguma razão para continuar trabalhando? Algo com que pudesse se preocupar? Como gastar o dinheiro? Decadente, disseram. Seu melhor amigo tentando animá-lo. Volte! Você tem valor! Você sempre foi o melhor de todos! Esqueça aquela mulher. Seja você mesmo. À luta!

Lutar contra si mesmo. Ver no reflexo do espelho, todas as horas, a imagem do fracasso. Não ter conseguido ficar com ela. Ter deixado que fosse embora. Onde encontrar aquele sorriso perfeito? Seus olhos marotos? As contas por pagar. Dívidas, juros, promissórias, protestos e execuções. Bens arrestados. Tanto faz. Levem o que quiserem. Deixem-me em paz com a minha história. Com as razões perdidas no instante em que a porta foi fechada.

Abre a porta. Sai. Nem se preocupa em trancá-la. Avança pelo corredor. A rua se apresenta fria. É inverno. A rua se apresenta suja. É o bairro. Atravessa a rua; do outro lado a vitrina anuncia a liquidação. Liquidado, segue o cordão. Olhos baixos. Um imperceptível sorriso. A lembrança permanece. Afinal, pode-se viver de lembranças, não? As recordações atordoam, balança os ombros e entra na loja. Na mão a arma, no grito o anúncio do assalto. O tiro parte do vigilante do outro lado da sala. O corpo cai no impacto. A arma cai da sua mão. O sorriso permanece. Do bolso do casaco vê-se a ponta da folha do jornal. O olhar maroto com que ela emprestou sua vida por algum tempo.



No começo entendi tudo errado

No começo entendi tudo errado. Achei ter sido o culpado pelo choro e a raiva espelhada pelos presentes. Ausentei-me. Fugi como louco pelas estradas. Nunca mais voltei. O lugar deixou de ser minha casa. Era tão jovem. Enlouquecido perdi a juventude e, pior, minha fuga colocou na cabeça das pessoas que efetivamente eu era o culpado. Culpa, todos sabem, carregamos por nada. Mesmo inocentes às vezes somos culpados. Não pelo fato em si, que esse não o praticamos. Mas pela atitude tomada. E a fuga é a pior de todas. Covarde. Devia ter ficado e enfrentado as acusações. Havia testemunhas, pessoas amigas que teriam falado por mim. Tinha o onde eu estava quando aconteceu o crime. Com quem estava. E estava muito bem acompanhado. Não estou contando vantagem. Estou apenas dizendo a verdade. E a verdade, agora, tantos anos depois, não me serve para nada. Nem me faz voltar até lá, nem me absolve do que não fiz.

Otário, segui pelos caminhos. Atalhos, curvas. Tantas retas sem olhar para trás. Nenhuma vez olhei para trás. Em cada carro que me ultrapassava, o medo. Podia ser alguém no meu encalço. Corria para as margens, me embrenhava no mato. Esperava o escuro da noite para continuar viagem. Passei fome, frio. Fiquei molhado. Fiquei sujo. Roubei, sim, roubei roupas em va-



rais. Roubei frutas em quintais. Não morri, não é? Estou vivo e velho. Quer dizer, velho para a idade que verdadeiramente tenho. Sou mais moço do que a carcaça acusa. Não é fácil fugir por tanto tempo. Nem o fato de ter aqui chegado e agora falar sobre o caso. Já sou conhecido, mostrei meu trabalho e lealdade. Sou policial nomeado, não? Mas sou o covarde de sempre. Se atiro e vou atrás dos bandidos, se brigo e surro, e dou voz de prisão ou um tiro nas ventas dos indivíduos, sei o que faço. Não é esse meu medo. Meu medo é de voltar à juventude; novamente ser objeto da infâmia que me atrasou a vida no que mentiram, falsearam e me fizeram ir embora.

Quem sabe um dia volte. Leve comigo a raiva enrustida. Sim, sou raivoso. Vocês que me veem assim calmo, dia após dia, não sabem da raiva guardada. Vou lá e resolvo meu passado. Digo onde é que eu estava. Explico por que fugi daquela maneira. Ficará tudo em pratos limpos. Finalmente vencerei o meu medo.

Tudo bem é o que ele conta, que não teve culpa de nada, que estava fora da cidade, que foram outros que cometeram o crime. Teria testemunhas, pessoas que o conheciam. Álibi. História fantasiosa. O que aconteceu é que esclarece tudo. Houve o crime. Antes de a polícia iniciar a investigação, fugiu, como fogem os criminosos. Covarde criminoso. Não quis saber da dor dos atingidos, nem do que aconteceu com eles depois do caso feito. Não é a toa que nunca mais apareceu por aqui. E se aparecer, mesmo que passado tanto tempo, responderá pelo que fez; se não na justiça, com certeza, junto a nós. Estamos de olho. Como sempre estivemos. E se você nos contar onde é que ele se escondeu esse tempo todo, é bem capaz de alguns irem até lá para resolver o caso.

Sim, como esqueceria o que aconteceu. Fui o principal atingido. Fiquei apenas com a dor do luto, a solidão e a pobreza. Perdi tudo numa única vez. Fui levado de roldão. Quando acordei, era tarde. Roubou. Matou. Agrediu. Quem não gostaria de ter uma oportunidade de encontrar o filho da puta e dar um fim nele. Eu gostaria. Agora, você não insistiu com o cara que te contou.



Não foi duro com ele. Ele não te disse e eu continuo aqui com a minha dor. Não ache que por ter passado esses anos que eu não lembro mais, que não tenho motivos para querer me vingar. E a minha vida, arrasada naquela noite, quem paga?

Estive lá, conversei com um cara que se lembra do caso. Afirmou que você é o culpado e que ainda pagará pelo crime. Que sua fuga não resolveu nada. Continua sendo um foragido. Da justiça e deles. Ou só deles. Se não me faço de tonto, conto onde é que você está e eles aparecem por aqui para te pegar. Escapei pela tangente. Tergiversei. Ainda bem que meu carro tem placa de longe. Bem que eles devem ter anotado a placa. E no hotel nem botei o endereço. Fiquei como um fantasma que tivesse passado por lá. Agora, te cuida, garoto. Quando a corda aperta não sobra muito espaço para o pescoço.

Merda! E eu achando que tinha gente minha por lá. Que poderia ser defendido. Aliás, que teria sido defendido na época. Nada feito. Aproveitaram a minha covardia, na fuga, e ficaram falando mal de mim. Se pelo menos eu soubesse quem cometeu o crime. Horrroso. Tenebroso. Um fim de mundo daqueles e tudo aquilo acontecendo. Sei que o cara tem que ter raiva de mim. Para o resto da vida. Eu também teria. Era meu amigo, quase irmão. É sempre assim. Quase irmãos e depois inimigos para sempre. Mas não tive culpa, não participei daquilo. Nem teria tido estômago para tanto. Teria vomitado. Teria me borrado todo. Aliás, vomitei quando fiquei sabendo que me procuravam. Não pelo crime, que não cometi. Só por saber que desconfiavam. Porra, como puderam desconfiar de mim? Quem foi o desgraçado que envolveu o meu nome? Ainda bem que vieram aos gritos, armados, já vieram disparando os trabucos. Meu quarto ficou que nem peneira; buraco para todo o lado. Saí por uma fresta, no lado, corri para as árvores. Tive sorte de estar dormindo com a roupa do corpo. Mania de bêbado. E estava frio naquela noite. Saí correndo pelo mato até encontrar a estrada, lá na frente, depois do riacho, que era para eles não perceberem para que lado eu tinha ido, nem me pegarem em alguma barreira na estrada.



Pois, o negócio recomeça. Apareceu um cara que disse conhecer, em lugar bem longe daqui, o cara de quem desconfiamos ter cometido aquele crime. Veio falar logo comigo. Foi no bar da esquina. Sei lá se alguém me indicou para ele. Logo comigo, que sofri na pele o acontecido. Não disse muita coisa. Só que ele – o covarde que fugiu – está vivo e até pensando em vir até aqui esclarecer as coisas. Levará chumbo. Será preso e finalmente condenado. Pena que não deu tempo de buscar a polícia. Também, os caras nunca estão na delegacia. Sempre algum outro trabalho. Algum atrapalho. Ou em casa, e nas casas deles é que eu não vou chegar chamando para o trabalho, não é? Vê se pode, veio conversar logo comigo. Ainda se fosse contigo, ou com os outros. Mas comigo é reabrir a ferida. Eu chegando e encontrando a coisa feita. Morte e destruição. O roubo. Até o cachorro morto. Cão dos infernos!

Fui até lá, como havíamos conversado. Certo, o cara está aqui faz tempo. Conquistou a nossa confiança. É nosso policial. Mas eu não podia perder a oportunidade de passar por lá, tão perto. Fui até lá e não é que no boteco fui falar logo com alguém da família das vítimas? Coincidência, não? O cara não esquece nada, nenhum detalhe. Bota fogo pelas ventas só de pensar no caso. Nada, o tempo dele ficou parado. Acabou naquela noite. O rapaz do bar me disse que o cara não deu para nada. Nem casou. Nem fez carreira. Nem arrumou emprego direito. Faz mais é beber. Todas as noites de todos os dias. Ficou mordido comigo, tentou saber de onde eu era e como é que eu tinha conhecido o cara. Que o cara era um criminoso, assassino e ladrão. Que se eu contasse, eles viriam até aqui e fariam justiça. A justiça que faltou nesses anos todos. Quem sabe trariam a polícia de lá para acertarem as contas. Quase babou na camisa, de tanta raiva.

Cara, você se lembra do crime. Pois é, o otário – não sei se bebeu demais, para variar – me contou que apareceu um cara de fora dizendo saber onde está quem fugiu. Seria bom pegarmos esse cara. Esse, não. Esses. O que fugiu e o que veio até



aqui, podem estar mancomunados. De parceria. Um se esconde, o outro pergunta. Se alguém abre o bico, já viu o estrago. É merda para todo o lado. Aquela é uma história que foi enterrada na fuga do cara. Terminou. Acabou. Ninguém mais mexe com ela. Era uma vez...

Você não tinha nada de aparecer por lá; se descubrem onde estou, morro. É pessoal da pesada quem fez aquilo. E de prestígio na cidade. Senão teriam esclarecido tudo. Não foi só pela minha covardia que dei o fora. Como me arrependo, por que, assim, encerraram o caso. Fui eu e pronto. Assunto resolvido. Mas está certo, havia dito que penso em voltar lá e tirar a coisa a limpo, então, você até me fez um favor. Fico com medo e me calo. Nunca mais falo no assunto. Nem penso em passar perto de lá. Nunca me ofereça carona. Você foi bom amigo, obrigado.

Sim, o cara andou falando umas coisas. Churrasco, umas caipiras, outras cervejas. Molhou o bico, falou besteira. Chegou a chorar quando contou a história. Sei, todos choram quando contam histórias. Mas ele me pareceu sério. É o nosso policial, homem de inteira responsabilidade. Há quanto tempo está conosco, hein? Daí que o outro aproveitou uma das viagens lá por perto, foi até lá e deu com a língua nos dentes num boteco, logo com uma das vítimas: o cara disse que perdeu tudo, família, dinheiro, que perdeu até o cachorro. E que o cachorro criminoso tinha se mandado sem nem olhar para trás. Pobre coitado. Já imaginou se acontece com um de nós. Matamos o sujeito. Nem damos a ele a chance de alegar qualquer defesa. Iríamos na porrada, na paulada e terminaríamos o serviço enchendo ele de balas. Não sobraria nada. Mas, esse tipo de coisa não acontece por aqui, aqui temos polícia. Epa! Nosso policial, lá, é o acusado. Não é fácil, rapaz! Acho que teremos que tomar alguma atitude. Nem sei direito o quê, voltar lá, procurar as autoridades? Não falar com o otário da vítima que esse, sabemos como pensa. Ver o que ainda existe, o que foi que efetivamente aconteceu. Se não desconfiaram de outras pessoas, coisas assim. Claro, teremos que entregar o nosso



policial. Azar dele que fugiu em vez de enfrentar as consequências. Mais cedo ou mais tarde se encontraria com o passado. Antes ele do que nós que não temos nada com isso e, nessas alturas, não podemos ficar com um policial que já passou por isso. Preto no branco.

Quantas vezes precisarei repetir que tudo aconteceu como sempre contei? Não fui o responsável. E não sei quem teria sido. Era um lugar pacato, pequeno. Todo mundo se conhecia. Todos eram amigos. O tempo todo nas mesmas ruas. Criamo-nos juntos, mesmo que uns fossem mais ricos e outros mais pobres. Nenhum ladrão, nenhum crime cometido. Algumas arruaças, coisa de bêbados ou de jovens bêbados. Dá no mesmo. Só fugi por que fiquei com medo. E ninguém estava chegando para conversar comigo. Acreditem! Já chegaram aos gritos, atirando, trouxeram cachorros. Sim, esses cachorros de caça. A polícia veio com eles. Havia barreira policial na estrada. Vi de longe, passei por dentro do riacho. Claro que havia bebido. Dormia como uma pedra. Imagina o susto que levei. Claro que sei como foi horrível o crime. Não tivesse sido não teriam vindo atrás de mim daquela maneira. Foi o que consegui fazer, dar o fora. E depois, voltar como? O assunto foi notícia em todos os jornais. Não do local que lá nem isso tinha. Mas da região, do estado, do país todo. Se a televisão tivesse os recursos que tem hoje, com certeza nela também teria sido manchete.

Não estou gostando dessa história. O otário está arvorado em vingador da pátria. Disse por aí que se há um pingo de verdade no que o foragido falou, irá encontrar aqui quem fez o estrago. Também, fora o covarde, ninguém mais foi embora da cidade. Isso aqui é tão parado que nem coragem as pessoas têm para ir embora. Preferem ficar na mesmice. No nada com nada. Mas não se arrancam. Aliás, nem nós fomos embora. E agora essa, só por causa de uma conversa besta, nem se sabe de onde veio o cara, nem porque veio, nem que sentido tinha. Não acredito que o medroso tenha mandado o de fora para vasculhar o passado. Veio



porque é cretino, queria se meter onde não foi chamado. Se a gente fica sabendo, dá um jeito nele lá na estrada. Agora isso, as pessoas começam a revirar os fatos. Sabe como é ficam botando caraminholas na cabeça. Uma dúvida aqui, outra ali, como já está o otário. E nós, como ficamos? Tudo acabado. Pedra posta em cima. Todo esse tempo. Porra, um saco!

Nosso policial para mim continua uma pessoa séria. Ninguém ficaria aqui todo esse tempo, ganhando respeito com seu trabalho, após ter cometido uma merda daquelas. Seja lá onde fosse. Sempre teria uma recaída. Pau torto, torto. Aqui, nada. Sempre direito. Sempre progredindo, sempre ganhando mais uma parada. E sério. Sem bebida, sem jogatina – acabou com a jogatina na cidade -, sem qualquer arruaça. Entende os problemas, dialoga com as pessoas. De igual para igual trata todos os casos. Nem arrepia, nem aumenta. Maneiro. Uma pessoa assim não pode ser o cretino que comete crimes. Medo e covardia, quem não os tem? Não é?

Com toda a raiva que fiquei com o caso feito. Puta merda! Nunca consegui descarregar minha raiva sobre a figura do covarde. Éramos tão chegados. Saíamos juntos, brincávamos juntos. Tivemos até a mesma namorada, quer dizer, em épocas diferentes. Pobres e ricos aqui, não fazia muita diferença. Valiam as amizades. Crescemos juntos, estudamos juntos. Certo, sempre fui mais inteligente. Ele apanhava nas matérias. Ninguém é perfeito. Mas era um cara legal. Não tinha traquinagem com ele. Sério para a idade. E não tinha antecedentes. Teria perdido a cabeça por alguma puta? Teria perdido dinheiro no jogo? Estaria drogado? Drogado, não. Não havia droga na cidade. No máximo, um lança-perfume no carnaval. Mas estava longe o carnaval. E ele é que não ia guardar algumas bisnagas para ficar cheirando durante o ano. Nem dinheiro tinha para isso. Cerveja e cachaça nunca foram problemas para nós. Bebíamos bem. Tínhamos ressaca no dia seguinte. Só. Banho frio, café quente. Bola para frente. Então, se há razão no que o cara disse, que não foi ele, quem foi? Sei que foi gente daqui. Não havia ninguém de fora e a polícia armou



barreiras. Ninguém entrou ou saiu sem ser identificado. Até o médico ficou sabendo que era corno. Coitado. Mas de fora não foi ninguém. Foi daqui. E se não foi o covarde, quem seria?

Tenho um conhecido por lá, a família dele morou lá uns tempos. Lugarzinho parado. Tiveram que sair para tentar ganhar algum dinheiro. Não tinha nada. O rico do lugar, coitado, foi quem ficou no prejuízo daquela noite. Crime e roubo. Mataram até o cachorro. Ficou sozinho curtindo as suas mágoas. Nunca mais se recuperou. Só faz beber. A família foi embora, ele ficou. Faço contato. Peço para ele intermediar o encontro entre as autoridades e o nosso policial. Espero que dessa vez ele não seja novamente covarde e se ponha a correr antes do tempo. Depois, o acompanharemos. Ninguém baterá nele, ninguém chegará perto. Será a palavra deles. Terão de cumprir. Lá, que façam o que é direito dentro de um processo legal, mesmo passados todos esses anos. Que apresentem as provas. Que provem que foi ele. Se não provarem o traremos de volta. Continuará sendo o nosso policial.

A coisa está engrossando, o juiz avisou que o medroso está sendo trazido para cá, para que o inquérito finalmente ande, ouvirão novamente as testemunhas – testemunhas, vírgula, ninguém viu nada, até o cachorro foi morto -, reconstituirão o crime e os passos do covarde. Ele é policial lá não sei aonde. Cheio de grau com as pessoas do lugar. É destaque. Virá uma comitiva junto com ele. Pediram proteção ao juiz, que concedeu. Toda a polícia estará envolvida no esquema. Irá feder, com certeza irá feder! Já imaginou desenterrar uma história dessas depois de tanto tempo? Ficaremos na espreita, nos fazendo de morto, como sempre. Não se arreganhe. Nem se mostre. Fique na sua. Afinal, tudo deu certo até agora. Não há o que provar, não há o que ressuscitar, nem pense em fazer bobagem ou se apavorar. Acabo com você!

Só com vocês para eu me arriscar a fazer essa viagem de volta. Nunca pensei que teria coragem. Mas afinal sou o policial de vocês. Como merecer confiança se não me afianço de vir esclarecer os fatos. Os fatos não, que deles só sei o que saiu nos jornais



da época, mas esclarecer por que me julgaram culpado, por que me perseguiram, por que já chegaram atirando? Não sei se dará certo. Tanto tempo, tantas passagens. Sei lá o que arrumaram contra mim para me incriminar assim. Tenho medo. Mas dessa vez controlo a covardia. Não me borro, nem vomito.

Seu delegado, antes que o cara chegue tenho uma coisa para dizer ao senhor. De tanto pensar no caso, porque ele está vindo para cá, lembrei um fato. Naquela noite bebi no bar da esquina – sei, bebo lá até hoje - e, como sempre, bebi demais. Falei sobre o dinheiro que o velho havia recebido. Contei dos planos da viagem da minha irmã. Disse quanto custariam as passagens e a estada. Que eram muito caras aquelas coisas. Isso tudo eu contei enquanto bebia. Estava falando com o dono do bar, mas vá que alguém mais tenha escutado o que eu dizia. Vá que tivesse alguém precisando de grana. Vá que alguém não fosse tão bom assim como a gente pensava. E o covarde não estava no bar. Ele, quando bebia, era no outro boteco. De vez em quando eu passava por lá. Nunca ia no da esquina, dizia que lá era mais caro. Que no outro além de ser mais barato o dono não botava água na bebida.

E se alguém lembrar que ouvimos o que o otário disse sobre a grana da viagem da irmã dele? Que estávamos no boteco da esquina naquela noite. E que bebemos bem menos. Saímos antes e fomos pela rua de trás até a casa dele. Que entramos pelos fundos, que eles nunca trancavam a porta. Até porque o otário chegava bêbado, cambaleando e por lá entrava, às vezes caindo ainda na cozinha, onde ficava dormindo até ser acordado de manhã pela empregada. Vomitava, a velha gritava com ele. Que nada, na outra noite era a mesma coisa. Mas vá que no recomeço da conversa alguém se lembre do papo do otário. E alguém se lembre que nós estávamos lá e que saímos antes. Porra de velho, bem que poderia ter colaborado. Nada, machão, achou que teríamos medo do facão dele. Foi aquela briga, tive que acertar o cachorro antes que ele me mordesse. O barulho acordou a moça, uma pena, tivemos que acabar com ela. E já que estava se acabando,



porque não tirar uns fiapos. Coxas grossas. Você gostou mais do que eu. Quando entrei já estava se estrebuchando. Que cara feia. Ainda sonho com ela e acordo assustado. No fim, era papo furado do otário. O velho não tinha levado o dinheiro para casa. Meia dúzia de mirreiros, mais nada. Não fosse o uísque que carregamos e a peça de salame, o prejuízo teria sido maior. O pior é que nem precisávamos do dinheiro. Afinal, ignorantes e atrasados como somos, iríamos gastá-lo onde? Todo mundo nos conhece desde criança. Uns meneios aqui, uma passada de perna ali. Nada grande. Tudo pequeno como a cidade. Nem teríamos como ir embora. Ir para onde? Nunca saímos daqui. Nem sabemos a língua que falam lá fora; pior, dizem que a violência lá é enorme. Teríamos medo. Teríamos de nos livrar do dinheiro. E ainda ficamos com aquelas mortes nas costas. Sei que você bebe por isso, que ficou meio abobado. Acham que é da bronha. Mas depois de ter comido a morta, nunca mais conseguiu nada. Merda! E agora os caras vêm aí. E se nos pegam, estaremos acabados. Nem para a cadeia iremos. Seremos mortos antes do julgamento, uma vez pelos crimes, outra por termos posto a culpa no medroso. Ainda bem que ele se mandou. Que não foi encontrado. Que ninguém mais lembra – estava uma confusão danada naquela noite, ainda mais que botamos fogo na casa – que fomos nós que os fizemos desconfiarem do covarde. E fomos juntos e chegamos atirando. O delegado até hoje olha para mim atravessado. Diz que se não tivéssemos atirado eles o teriam capturado antes que o medroso acordasse. Mas se não atirássemos e o pegassem vivo, como a nossa história ficaria? Cale a boca, fique de boca fechada. Ficamos calados e nos demos bem todos esses anos.

Os caras que estão vindo com o covarde, oferecem dinheiro por alguma pista, algo que na época ninguém tenha percebido. Algum detalhe bobo, algum pormenor maluco, mas que, juntado num mesmo cesto, possa fazer sentido. É dinheiro grosso. Mais do que tinha o pai do otário quando do crime. E o medroso, dizem e o delegado confirma, chegou naquela cidade sem nenhum



dinheiro. Não tinha nada além das roupas sujas e muita fome. Lá ficou por esses anos todos. Nunca apareceu grana na mão dele que não fosse legitimamente trabalhada. Se ele tivesse escondido o dinheiro por aqui, antes de dar no pé, com certeza teria voltado numa noite ou outra. Viria pelo lado da estrada, passaria o riacho, como fez quando foi embora, chegaria perto de onde morava. Nem cachorro há por lá. Desenterraria o dinheiro e daria o fora. Mas aí não seria o policial de lá. Seria muito mais. Empresário. Emprestaria dinheiro a juros. Botaria uma banca de jogo. Com dinheiro se faz qualquer coisa.

Sei que não devia, mas também sei que devia ter dito há muito tempo. Mas o cara me ameaçava sempre. Sabe como é, sou fraco. Bebo muito. Fico caindo pelos cantos. Difícil que me deem crédito pelo o que digo. Mas agora conto tudo o que sei. O que sempre soube. Não foi o covarde. Foi o outro, o meu amigo. Aquele que está comigo todos os dias. Naquela noite ouvimos a conversa do otário. Foi no boteco da esquina. O otário estava bêbado. Mais bêbado do que nós. Contou vantagem sobre a viagem da irmã, que seria cara, que seu pai estava com todo o dinheiro. Meu amigo, aquele de sempre, ouviu a conversa e disse que iria dar uma saída. Disse que eu iria com ele. Disse que não. Que eu estava bêbado – neguei, afirmei ter bebido pouco, que depois continuaria a beber – e que só iria atrapalhar. Depois, que a parada seria com uma moça da cidade. Uma das empregadas. Que havia marcado encontro. Como sei que foi ele? Voltou esbaforido. Tinha um sorriso safado. O senhor sabe como são os safados, ficam loucos se não contam suas vantagens, que não havia dinheiro, só uns trocados, mas que de raiva havia matado o cachorro, antes que o mordesse e que tinha se servido da moça, pena que ela no bem bom tivesse se arrependido e se sacudido e que quisesse pegá-lo com outra faca, então ele foi obrigado a matá-la. E lá ficaram estirados os corpos e que ele botou fogo na casa para ninguém desconfiar. E só estou contando tudo porque fiquei sabendo que o medroso está vindo de volta e não seria justo



ele continuar pagando pelo o que o outro fez. E como o covarde pediu cobertura e vocês deram, também peço para mim e sei que serei atendido. Assim posso contar o que houve, confirmar em juízo, sem ficar com medo de que o outro me pegue. E sei também que estão oferecendo uma grana pelo detalhe e que ela me será paga porque vim até aqui e contei tudo o que sabia. Mereço sua proteção, delegado?



R.C.F.M. - Posso desligar o televison.?

Posso desligar o televisor, perguntou o investigador à mulher? Ainda mais que só tem chuvisco e ruído, disse o seu auxiliar. Sim, respondeu a mulher. Sentaram. O investigador olhou para o rosto dela, choroso, angustiado, crispado, como estavam as mãos sobre o tampo da mesa.

O que foi mesmo que aconteceu, minha senhora? Pelo que entendemos até agora, dito pelo garoto que foi até a delegacia, a senhora tem outro filho, que teria desaparecido? Teremos que ter a história completa, para podermos iniciar as nossas investigações.

Sim, policial, começou a mulher. Tenho dois filhos. O garoto que foi até a delegacia e o outro. O que foi, tem doze anos, o que sumiu tem dez. Não sabemos o que pode ter acontecido. Estavam em casa, fizeram os deveres do colégio. Nem saíram para brincar na rua, por causa da chuva. O maior foi ao banheiro - estavam assistindo desenhos na televisão - e o menor, como sempre faz, tirou do canal dos desenhos e passou para outro, outro qualquer, um que não sintonize nenhuma estação. Só chuviscos e ruídos. Era o divertimento dele.

Então, sinto perguntar, mas seu filho menor é ruim cabeça? Por que tirar dos desenhos que a meninada adora, para botar num canal que não pega nada, sei lá, intrometeu-se o auxiliar. O



investigador fez um gesto com as mãos, como a dizer ao outro, calma, comporte-se, não está vendo o sofrimento da mulher e do menino? Ainda está querendo aumentar a confusão? E perguntou, a senhora mora só com as crianças, eles não tem pai? Tinham, seu policial, mas morreu há dois anos. Era ajudante de pedreiro, despencou de uma obra, do sétimo andar, morreu na hora. Fiquei eu e as crianças. Faço doces para fora. Dá para ir se virando. As crianças não são muito exigentes, o colégio é aqui perto. Meus doces dão para o gasto.

E o menino? Um foi ao banheiro e quando voltou o outro não estava mais, foi isso? Sim, e eu estava na cidade vendendo os doces. Quando voltei, ele, apavorado me contou do sumiço. Disse-me que foi até a rua, até a esquina, até uma quadra de esportes que tem aqui perto. Nada. Nem sombra, nem rastros. Perguntou para o pessoal da redondeza, ninguém o viu. Ele sumiu, policial.

Ninguém some assim, argumentou o investigador. Sempre há alguma confusão antes ou durante. Uma briga, alguma nota baixa no colégio, um pequeno furto, discussão à toa, abuso por parte do mais velho, de algum vizinho ou parente. Sumir, por sumir, só se o meu colega estiver com a razão, sinto muito, e ele for ruim da cabeça. Como ele é?

Normal, como todos nós. Nem mais nem menos estudioso que o mais velho. São bons meninos, bons alunos. Nunca perderam o ano. Sempre estão entre os melhores da sala. Não procuram briga, nem vícios. Da escola para casa e, aqui, algumas vezes, brincadeiras de rua. Inocentes como crianças que são. Nada demais, nem de menos. Dorme bem, come bem. Bom desenvolvimento físico. Boa cabeça, educado e gentil, mas não afrescalhado, não é filho? Perguntou, voltando-se para a outra criança. Sim, mãe, respondeu o menino com voz firme, o José é bom irmão, não sei o que possa ter acontecido com ele. Só se foi aquela história dos sons. Só se foram os sons.

Sons, que sons? Perguntou o investigador. Seu filho ouvia vozes, via fantasmas, essas bobagens; era espiritado, a senhora é



espírita, frequenta terreiros de macumba, ou é daquelas evangélicas fanáticas que fica assustada com os ditos exorcismos praticados pelos pastores, tanto nos cultos, quanto na televisão? O auxiliar só olhou o seu superior. Nem piscou os olhos. O chefe estava irritado. Não havia o que o irritasse mais que esse negócio de santos, espíritos e escambau da espécie.

Não, policial, somos católicos, frequentamos a missa de sábado à tarde; o maiorzinho está fazendo a catequese, para a primeira comunhão. Mas, desde a morte do meu marido, naquela queda trágica, não há mais espaço para grandes religiões aqui em casa. Nem eu, nem meus filhos. Como a gente fica mal falada se não frequenta alguma igreja, pelo menos vamos à missa. E os garotos farão todas as catequeses e primeiras comunhões e crismas necessárias para que não fiquem marginalizados. Somos cristãos, sim, mas sem exagero. Acho que as crianças nem sabem direito essas histórias de vampiros, espíritos, almas do outro mundo. Até, esses tempos, uma das emissoras de televisão, dizendo estar defendendo as crianças, fez uma campanha com personagens do folclore: mula-sem-cabeça, boi-da-cara-preta e outros, meus meninos ficaram abismados. Assustaram-se com as figuras. Não as conheciam. Nunca havíamos falado nelas aqui em casa. E agora, isso, meu menino desaparece, sem mais nem menos. E nós, aqui, desesperados, ficamos conversando sobre coisa nenhuma. O que é que a polícia pretende fazer para achar meu filho, senhor policial?

Sim, a mulher havia transferido a raiva do policial para si e, agora, em contra-ataque fulminante, queria uma resposta da autoridade. Não será fácil, pensou o auxiliar. Não há qualquer pista, ninguém de fora entrou ou saiu, ninguém viu o menino sair. O irmão no banheiro. É só. E o vazio do menino. Droga, logo hoje que o expediente parecia passar sem maiores atropelos. Lá iremos nós, pra cima e pra baixo. Perguntas, fotografias, mais perguntas. Ao telefone, com certeza, trotes sobre trotes que o povo é ruim. É só o caso se tornar público. E aqui na vila, já está todo mundo sabendo, é só ver a quantidade de pessoas paradas aí em frente.



Minha senhora, sinto pela situação, mas tenho que continuar perguntando, só assim poderemos dar início a qualquer investigação. A delegacia central já foi alertada. Nessa hora, todos os guardas estão sabendo e tentando descobrir o seu filho entre os tantos meninos que andam pelas ruas. Passei a sua descrição quando o seu maior foi lá fazer a ocorrência. Tenha paciência, tudo se resolverá, tenha certeza. Mas, voltemos ao negócio dos sons, o que seria?

O José, desde pequenino tem o ouvido afiado para os sons. O seu João, aqui do lado, trabalha como afinador de piano, muitas vezes traz os aparelhos para a casa, para realizar o trabalho, ou quando o piano necessita mais do que a simples afinação, sabe como é, sujeira, teclas descascadas, varetas quebradas, cordas arrebentadas. Pois o José vai pra lá e fica de ouvido atento, até mesmo corrigindo o seu João. O seu João sempre disse que o menino tem ouvidos de ouro. É só mandar chamá-lo que ele comprovará o que estou dizendo. Não, respondeu o investigador, não precisa. Mas, e o que mais o garoto aprontava em relação aos sons? Há mais? Sim, qualquer barulho para ele se transforma em sons, é o que ele sempre diz. Mesmo que o maior e eu nada estivéssemos ouvindo, lá vem ele: Como pode vocês não ouvirem esse som maravilhoso. E assim é com a televisão. Diz que os canais que não pegam nenhuma estação é que tem os melhores sons. E nós ali, só vendo os chuviscos e ouvindo os ruídos. Os ruídos, para ele são sons. E dos mais diversos. Peço sempre pra ele traduzir os sons dos ruídos do aparelho e ele, então, canta lindas músicas. Acho que o menino tem queda pra música, policial, que transformar aqueles ruídos chatos e repetidos nas músicas que ele canta, só sendo muito especial. Especial no bom sentido, deixo claro.

Nós faremos o possível, senhora, não se preocupe que o seu filho será encontrado e trazido para casa. E será rápido, mas, por enquanto, sem querer me intrometer, deixe o televisor ligado num canal qualquer, onde não sintonize nenhuma emissora. Nunca se sabe, quando se lida com os sons e as músicas.



Secos

Em alguma cidade do Brasil, quinta-feira, próximo ao horário do almoço, num apartamento qualquer, toca o interfone, assustando a dona da casa que estava distraída preparando a comida.

Atenda ao interfone, menina! Sim, como? Espera! Mãe, tem um homem falando de um vaso que caiu da nossa sacada! Sim, como? Um momento. Menina olhe na sacada. Sim meu senhor, olharei a minha sacada e já descerei. Sim, sei do perigo, mas nem sei o que pode ter acontecido.

Mãe, o vaso grande, com a folhagem, caiu lá embaixo. Está despedaçado na calçada. Tem muita gente em volta. Será que machucou alguém? O vaso grande? Como? Nem ficava na amurada, ficava no lado interno. Vamos descer, chame o elevador enquanto penteio os cabelos. Desceram; a menina curiosa, a mulher preocupada.

Que barbaridade, minha senhora, como é que deixa acontecer uma coisa dessas. Deveria ter mais cuidado, não deixar um vaso grande e pesado como esse na amurada da sacada. E o risco? E se tivesse atingido alguém? Criminosa a sua atitude.

Calma, meu senhor, não foi nada disso, acha que eu seria maluca de colocar um vaso desses na amurada? Nem cabe. É maior do que a grade da sacada. Estava no canto, onde sempre esteve. Bem protegido do vento e do sol. Algo aconteceu, que nem sei bem o quê. Aliás, será que alguém conseguirá me explicar como foi que o meu vaso veio parar aqui embaixo?

Nem sei para que a senhora ficou com essa coisa, veja, as raízes estão secas, a planta está morta. Os galhos sem qualquer seiva. Seca, seca.



Estranho, cuidamos bem dela, ainda ontem estava ótima, folhas verdes, terra afogada, quase florida. Agora, aqui, morta, despedaçada no meio da calçada. Nossa, que confusão.

E se alguém do seu apartamento jogou a planta? A senhora já pensou nisso? Alguém que foi limpar o vaso e o colocou na amurada, mesmo que seja maior que o vaso, aliás, seria um bom motivo para estar aqui, agora, despedaçado na calçada.

Não, minha senhora – é nossa vizinha, não? -, moramos apenas minha filha e eu. Ninguém mais. Ninguém mexeu na planta, nem no vaso. Eu estava na cozinha, ela, estudando na sala. Fazendo os deveres de casa. Está certo que alguns momentos atrás ouvi um barulho surdo, mas pensei que tivesse sido um carro na rua, sei lá, algo fora da minha casa. Nem dei importância ao barulho. Não me chamassem pelo interfone, até agora não teria me dado conta da queda.

Não se preocupe, senhora, farei a limpeza e jogarei os restos fora. Como zelador e faxineiro do prédio, faço o serviço. E como ninguém se machucou, podemos dar o caso por encerrado, não?

Obrigado, peço desculpas a todos pelo susto e pelo incômodo, mas, tenham certeza, ficaremos com a dúvida. O vaso não pode ter caído sozinho e, lá em casa, ninguém o jogou ou o colocou de maneira a que pudesse cair. É um mistério.

Em uma das tantas florestas na Tailândia, o administrador da vila é chamado por um ribeirinho; doutor, vamos até a margem do rio? Tem uma coisa lá que não entendi. O que foi que houve? Está tudo tranquilo e me vem você com coisas que não entende? É alguma emergência? Não tenho ideia doutor, mas tem um monte de árvores mortas na beira do rio, algumas ainda estão em pé; a maioria caída dentro d'água. Um horror! Árvores mortas? Caídas dentro d'água? Está certo, vamos indo.

Interessante, os galhos apertaram os troncos, como se fossem cipós. Interromperam a passagem da seiva. Veja, essa está seca. Morta e seca. Todas estão mortas e secas. Os galhos aperta-



ram tanto que elas tombaram, como tivessem se enforcado! Ora, doutor, árvores se enforcando? Que estão caídas, estão. Que estão secas, estão. Que os galhos parecem cipós, parecem, mas daí a dizer que as árvores se enforcaram! Calma, doutor, deve haver uma explicação. Sei lá, eu que sou homem do mato nunca havia visto uma coisa dessas. Pode parecer loucura ou ingenuidade minha, mas que parece terem se enforcado, cá pra nós, parece! Nem sei como encaminhar o assunto. E será que foi só aqui? Será que não aconteceu em outras margens de outros rios. Do lado de lá – pena não ter trazido o binóculos – parece estar tudo nos devidos lugares. Nada doutor, escuta só o barulho, são árvores caindo dentro do rio. Veja! Do outro lado, estão caindo como se fossem pedras de dominó.

Vamos sair daqui, voltar ao escritório. Telefonarei para as autoridades, virão em seguida para verificar. Não deixe ninguém mexer nos troncos, nem comente o assunto, que o pessoal pode se assustar por nada.

Numa grande plantação de tulipas, na Holanda, o vigia noturno se inquieta com os barulhos vindos dos canteiros das flores: crek, crek, crek, como algo sendo quebrado e caindo. Espreguiça-se, levanta-se e vai até a porta. Aberta, a surpresa, canteiros e canteiros de flores destruídos. Flores pelo chão. Todas com o caule quebrado. Despetaladas no chão. Corre até o telefone e liga para o responsável. Sei não, um horror, parece que uma praga passou por aqui em alta velocidade e foi quebrando todos os caules, derrubando as flores pelo chão. Venha ligeiro, não tenho a menor ideia do que possa ter acontecido. Ficarei atento, claro!

Em poucos minutos, chega o responsável trazendo junto um policial da cidade e dois ajudantes. Nossa! Que confusão, quem teria coragem para praticar um ato bárbaro desses? Vândalos! Conte-me o que aconteceu; você é o vigia, precisa ter visto alguma coisa. Isso não acontece assim em segundos. Levaria mais de hora para que todos os caules tivessem sido quebrados. Não sei, estava sentado no lugar de sempre, ouvindo rádio e lendo o jornal,



quando ouvi os barulhos, como se fosse uma onda. Está certo que no início não entendi muito bem o que poderia estar acontecendo, mas, logo, logo, corri e abri a porta e lá estavam os caules quebrados e as flores despetaladas pelo chão. E não havia mais nenhum barulho. Não houve mais nenhum barulho até agora.

Eu, policial, o que vocês querem que eu faça. Não há nenhuma pista, nada de evidências. O vigia não viu pessoas entrando ou saindo. Nenhuma pegada. As portas, os portões, as cercas estão inteiras e fechadas. Sinceramente, acho que vocês estão com um problema que não me diz respeito. De qualquer maneira, se quiserem, passem na delegacia que registraremos a ocorrência. Esquisito, não? Boa noite!

Em algum lugar do Texas, o rapazote vem esbaforido, gritando: olhem para lá, olhem! E eles olham e veem torres de petróleo sendo tragadas pela terra. E não há jorro de petróleo. O óleo não aflora nos lugares onde estavam as torres. Apenas somem terra à dentro. E a terra recompõe sua camada superficial. A poeira desce e a terra está intacta e os dutos e encanamentos estão, secos. E tudo não dura mais que poucos minutos. E todos estão assustados, estáticos, abestalhados olhando aquela terra nua, seca, ressecada. Sabem que ali estavam torres de petróleo em operação e que o óleo estava sendo bombeado normalmente. Agora não há nada, só a terra. Patrão, patrão, vá homem, atenda ao telefone! Sim, fale; o quê? Vocês andaram bebendo, estão drogados? Claro que não acredito, torres de petróleo não são palitos de fósforo, não somem assim como você está me contando. Certo, certo, bando de mentirosos incompetentes, estou indo para aí. E levarei a polícia e o meu pessoal. Não saiam daí, não mexam em nada.

Na Argentina, no amanhecer, o tricultor olha a sua plantação, como sempre faz, medindo no olho o tempo necessário para o amadurecimento do grão e o início da colheita. Apavorado, vê o trigo entrelaçado em plantas, umas apertando as outras, secas, imóveis naquele imenso emaranhado. Nem mesmo um homem conseguiria andar naquele campo, tanto estão agarrados uns pés



nos outros. Não há grão em nenhum deles, só as hastes enroladas umas nas outras. Tudo seco.

Por telefone o secretário de estado informa ao repórter que tudo não passa de grande coincidência e que, com certeza, grupos contrários ao governo devem estar atuando de modo organizado visando desorganizar a região, o país, quem sabe, em conluio com outras facções extremistas, o planeta todo. Nas televisões, os presidentes, em cada um dos países atingidos, dirigem palavras de consolo e calma aos seus patrícios. Tudo será investigado, as comissões já estão criadas – e serão multinacionais – e terão prazo máximo para apresentarem seus relatórios finais e conclusivos.

Na sacada, a mulher olha o local onde o vaso com a planta ficava. Não pode imaginar o que possa ter acontecido. Alma de outro mundo? Capaz! Nem parente que tenha morrido tenho nos últimos dez anos e o meu ex-marido, que eu saiba, está muito bem obrigado no seu segundo casamento. Nem me paga pensão. Nada exijo dele. E mora tão longe daqui. Volta-se para a filha e diz que é melhor se desfazerem das outras plantas, antes que uma coisa daquelas aconteça novamente. Reúnem os outros vasos, pequenos, colocam todos num saco plástico que fecham com um nó bem apertado e, as duas, levam-no até a lixeira, no andar térreo.

O catador de lixo comenta com a companheira, longe, muito longe daquele prédio, sobre as loucuras a que é obrigado a passar todos os dias: sujeira, bichos, porcarias, pessoas que nem conseguem separar direito o lixo e, agora, mais essa, um saco plástico cheio de vasos com plantas, todas mortas e, o curioso, agarradas umas nas outras. Ora já se viu, até as plantas estão se agarrando umas com as outras. Pouca vergonha!

No dia seguinte, em todo planeta, mais surpresas, toda a vegetação está morta. Não há uma folha verde, uma flor que não esteja despetalada, uma plantação inteira, uma árvore em pé. Nem um poço de petróleo à vista.

Informamos que o Secretário Geral da ONU, em pronunciamento através de rede mundial de televisão, que mostramos ao



vivo, informa com tristeza que a vegetação do planeta morreu e o petróleo desapareceu. Diz, ainda, que logo após o pronunciamento cometerá suicídio junto com a sua família. Infelizmente não quis gravar entrevista, nem autorizou que os suicídios sejam televisionados. Boa noite!



Segurança

Na segunda-feira a gerente reuniu as vendedoras e avisou que “... agora estamos totalmente protegidas. No final de semana providenciamos a instalação do nosso sistema de controle interno via televisão. Todos os passos dentro da loja estão sendo filmados. Não precisamos mais nos preocupar com ladrões, ladras, cleptomaníacos, baderneiros, pichadores de portas de banheiros, de provadores de roupa. Todos serão filmados em seus passos. Ninguém escapará de nós. Agora, verifiquem cada ponto que está sendo monitorado, para se acostumarem com o “grande olho”. E bom trabalho e boas vendas para todas. Ao trabalho!”

Ficamos atônitas, já que ninguém nos havia alertado sobre o assunto. A Lenita, prontamente, comentou comigo que agora o nosso trabalho será controlado. Se estivermos paradas, deixarmos de dobrar e guardar as peças que não forem vendidas, ficarmos conversando entre nós ou com algum parente que estiver por aqui. Não será fácil aguentar a pressão. Respondi que não seria nada disso; que será divertido. Que ninguém se preocupará, no final do dia, caindo aos pedaços de tanto cansaço e preocupações, em verificar fitas de vídeo. Nada! Só olharão as fitas se houver alguma confusão ou se desconfiarem da alguma de nós.

No dia seguinte, no entanto, disse à Lenita que não estava gostando de ser filmada durante o expediente. Fui além, questionando a possibilidade de terem colocado câmaras no nosso banheiro, para nosso constrangimento. Mas, ela me lembrou de que a gerente avisou que o sistema é apenas para evitar confusões e roubos. Claro que ela deixou no ar que também poderíamos ser apanhadas se ficássemos fazendo cera ou enrolando os



clientes ou o trabalho. Mas que não chegariam a tanto de nos espionar no banheiro.

Comentamos que a Lília é que começou a aparecer, sabe exatamente onde estão as câmaras, fica dirigindo os clientes para perto delas, faz pose, força o sorriso, muda até a entonação da voz, uma artista. Disse-lhe que amanhã viria devidamente produzida. Não ficaria para trás e que também iria me fazer notar pelo pessoal. Ao que ela respondeu que seu fizesse ela também faria, já que não seria a última a se posicionar na loja; que sabia aonde iria se posicionar para esperar a clientela. Rimos muito.

Na quarta-feira, entre uma cliente e outra, comentamos sobre a Ilda, que vinha trabalhar sempre bem simples e que, agora, está toda arrumada e maquiada; cuidando como andar e falar. Como ela passou a encarar as clientes, sempre no foco de alguma câmera. Estávamos em dúvida sobre se tais mudanças de comportamento iriam beneficiar ou prejudicar as colegas.

Outra vendedora entrou na conversa e tentou nos convencer de que o interesse da loja permanecia no quanto nós vendemos e se a clientela está satisfeita. Que, por enquanto, continua o mesmo número de pessoas. Que nada mudou, nem as vendas, nem os clientes. Mas que vira madames fazendo pose junto às câmaras. Uma até perguntou se não estaríamos espionando nos provadores.

Ficamos indignadas, seria o que faltava. Ora, espiar nos provadores. Aí sim é que a loja quebraria. Quem viria aqui sabendo estar sendo espionada enquanto troca de roupas? Não tenha tanta certeza, e completou que algumas clientes - bem sei - adorariam fazer pose e mostrar seus corpos para qualquer câmara.

Na quinta-feira, uma colega perguntou se eu havia notado a cliente que acabara de sair; que a mesma é constante na loja, mas que, hoje, saíra do sério, e até teve de parcelar as compras. Ainda, na saída, confidenciou-lhe que adoraria ter sido filmada enquanto experimentava as roupas. Claro que lhe disse que tal não acontece, nem por sonho! Pois ela riu e replicou que esperava ter feito boa figura para a gerente, imagina! Bem que eu descon-



fiava que ela fosse sapatona. Eu havia notado, já que ela veio até se despedir de mim. Eu é que não dei muita conversa, imagina uma coisa daquelas se engraçando para o meu lado, meu marido ficaria furioso.

Notamos estarmos nos comportando de forma diferente. Não sobrou uma que não tenha mudado alguma coisa, batom, penteado, roupas, sapatos, modo de caminhar. E seria interessante verificar com a gerente se não poderíamos ver as filmagens, um pouquinho por dia, só para saber como estamos nos saindo nas fitas. A gerente nos ouviu com atenção e concordou que a nossa curiosidade era compreensível, mas não sabia se seria decente. Completou que às vezes nós não estamos com postura das melhores, ou as clientes fazem algum gesto que poderiam compromê-las: é dedo no nariz, uma coçada indesejada, uma mão boba entre elas ou nos acompanhantes. Como nos comportaríamos na próxima visita de cada uma delas? Manteríamos a seriedade, tentaríamos tirar proveito ou cairíamos na risada?

Mas nada aconteceu conosco, não é? As câmaras não apanharam ninguém fazendo nada errado? Respondeu para não nos preocupar, que a loja não tem o menor interesse em se meter na vida das vendedoras ou de controla-las durante o expediente. Ficou de pensar sobre liberar as fitas para que as assistíssemos. E concluiu que tivéssemos certeza de que não havia nada de interessante nelas.

Na sexta-feira, levei um susto com a Lília, toda produzida no trabalho! Brinquei com ela sobre se iria a alguma festa ou se estava de namorado novo. Respondeu-me que com as câmeras devia trabalhar bem arrumada; que havia pedido à gerente autorização para um crédito especial para comprar novas roupas na loja; pagaria mensalmente, com parte das comissões. Tinha receio de ser despedida por não estar nos trinques quando fosse filmada. Fiquei cismada, será que estaria perdendo a viagem? Nunca havia pensado que algumas câmaras pudessem mudar tanto as pessoas, nem que os donos da loja pudessem se apropriar das



nossas imagens, mudando-nos em relação às roupas de trabalho e à maneira como nos comportamos diante da clientela. Pensei em providenciar um banho de loja para mim também.

A reação da gerente foi triste, disse-me ter autorizado o crédito para a Lília, mas como, logo depois, muitas outras a procuraram para o mesmo fim, não teve outra opção do que ir diminuindo as autorizações, senão a loja ficaria apenas conosco de clientes. Sentia muito, só poderia autorizar uma pequena parte do que eu pedia. Em outras palavras, para o restante eu teria de me virar. Fiquei pesarosa, bem que podia ter pedido antes; como sempre, fiquei me segurando, até para não me endividar, que meu salário é importante lá em casa. Respondi que ficaria com as minhas roupas e maquiagem, mas aceitava a pequena ajuda de imediato.

Como em quase todos os sábados após o expediente, meu marido e eu nos reunimos com alguns amigos, para um churrasquinho, acompanhado de cervejas geladas. O assunto, já que no grupo havia algumas minhas colegas, foram as câmaras. Comentários diversos, mas, sempre no mesmo ponto, o fato de que estávamos nos vestindo melhor durante a semana. Como disse um, “tão cheias de triques e futriques”. E que não era num dia só, pois, desde a terça-feira que estávamos assim. E começaram a gritar “câmeras, câmeras”, rindo e fazendo graça conosco.

Outro tentou apimentar a brincadeira dizendo se não estariam espiando as suas mulheres, mas ninguém o levou à sério, já que o principal é que elas poderiam perder os empregos ou as comissões por não estarem bem vestidas e penteadas. Ou por não estarem sorrindo e conversando com as clientes como os patrões querem. Perdem tudo. Elas precisam se defender. E que ainda sobra um pouquinho para eles, com as mulheres mais bonitas e cuidadas.

Meu marido reclamou que até no domingo eu fico com essas coisas no rosto; que era creme para todo o lado, uma nojeira que nem nos deixava aproveitar a cama. Disse-lhe para não me



incomodar, que já havia explicado o que estava acontecendo. Que não tenho como fazer diferente. Repeti que amanhã ou depois nós iremos ver as fitas, pois, a gerente ficou de nos dar resposta. E eu é que não estarei feia ou maltratada. Nem pensar, ele que ficasse na dele. Aguentasse a maquiagem que o dinheirinho sempre chega no final do mês. E ele gosta.

Na terça-feira, a gerente deixou-me com o Dr. José e a dona Amália, clientes preferenciais da loja. Cumprimentei-os e me dispus a ajudá-la nas compras. Estranhei o Dr. José, que raramente a acompanha estar junto com ela, em vez de ler os jornais e tomar cafezinho. Em certo momento, virou-se e disse que a dona Amália tinha razão em relação ao ótimo atendimento, fora o espetáculo extra das vendedoras; “parecem artistas, representam papéis variados para todas as câmeras”. Ela respondeu ironicamente que ele também não havia ficado atrás e até tinha perdido a vergonha, ao ficar paquerando as mulheres, lançando olhares, fazendo trejeitos. Replicou que não era nada disso, apenas que estava se divertindo ao imaginar a gerente revendo as fitas e vendo a sua atuação; que desde o ginásio não se divertia tanto representando algum papel. Que nem nos júris conseguia tal desempenho, mesmo ela sabendo do que era capaz diante dos jurados.

No dia seguinte, a gerente nos reuniu para dizer que éramos suas vendedoras preferidas, que o nosso desempenho era motivo de satisfação. As vendas aumentaram muito. Rindo, falou achar que as câmaras estavam fazendo um bem enorme para todos; inclusive que a clientela estava adorando ser filmada. Quando voltávamos para nossos postos de venda, disse a uma colega que eu estava certa, não havia motivo para preocupação e as câmaras estavam nos ajudando.

Na quinta-feira, a gerente – até nos chamou de queridas – informou que após pensar muito havia nos dado razão e estava liberando as fitas para assistirmos, sempre aos sábados, após o fechamento da loja. Assim quem quisesse atrasar a ida para casa e o almoço do sábado poderia acessar as fitas até às 14 horas.



Até que enfim, comentamos. A maioria avisaria em casa e ficaria para vero conteúdo das fitas. Não queríamos perder uma cena. Não havíamos nos cuidado tanto para ficar sem nos assistir e às clientes. Nossos desempenhos deveriam ser dignos de prêmios cinematográficos.

Mas, na sexta-feira, outra colega me procurou, preocupada, por achar que uma das câmeras a havia flagrado com o marido de uma cliente. Não foi nada, disse-me, “mas rolou alguma conversa, e ele chegou a pegar a minha mão. Sabe como é, apenas acertamos um encontro para outra hora”. Cruzes, retruquei, “como é que você entrou nessa? Nem posso imaginar. Logo agora que a maioria já confirmou que ficará amanhã para assistir as fitas. Tente alguma coisa, fale com a responsável, quem sabe não consiga convencê-la a “perder” aquela fita”. Ela achou que seria difícil, pois era uma chata e, pior, “acho que é chegada num sapatinho. Se vou lá falar com ela, quem sabe escapo de uma confusão e me enredo em outra bem pior. Fico na minha. Se pintar alguma coisa, vejo como faço”.

No sábado, tão logo a loja foi aberta, fui abordada por um senhor que foi falando: “Minha querida, estou procurando algo especial para a minha mulher, bem que você poderia me ajudar, não? Sim, meu senhor, respondi, o que o senhor pensa em dar para a sua mulher? Temos tantas opções!” Pois não é que o homem foi direto ao ponto? “Confio demais no seu gosto. É só olhar como está vestida, sua maquiagem, seu cabelo”. Cortei a conversa de imediato; “Por favor, senhor, saiba que todos nós somos filmados aqui dentro, não complique a minha vida”. Ele avançou o sinal com insolência e disse, “Ora, gatinha, então um homem não pode mais fazer um agrado à moça”? Que interessa um filmezinho se podemos ter tudo ao vivo e em cores? Facilite que as compras serão interessantes e ainda poderá sobrar algumas peças para você. Repliquei com veemência, “Meu senhor, já avisei...”. E o safado, “Avisou o quê, que não está afim? Bobagem, todas vocês sabem muito bem onde essas conversas chegam; todos ga-



nham, ninguém perde”. Alegando não estar passando bem, deixei o cara de pau com outra vendedora e me mandei para o banheiro.

No domingo, comentei com meu marido sobre as fitas que assistimos. Que eu até que me saí bem, mas, minhas colegas, eram verdadeiros desastres. Pareciam peruas perdidas em pesadelos; exibindo-se para as câmaras, falando alto com sorrisos falsos. As clientes, coisa de louco, nunca havia pensado que fossem tão baixas. Era só nos virarmos para pegar um vestido que lá estavam elas, cochichando e rindo de nós. Mas, a surpresa foi com a mulher do compadre que até levou cantada de cliente e não me pareceu ficar braba; atendeu o homem até o fim. Acho que sei de onde saiu o pacote que ela levou embora...

Na segunda-feira, para nossa surpresa, apresentou-se outra mulher dizendo ser a nova gerente e que estava assumindo em caráter emergencial. Foi direto ao assunto, já que não teria muito tempo para conversar. Estavam retirando as câmeras. Alegou que as mesmas não se mostraram eficientes e eficazes para a finalidade proposta pela loja. Perguntei sobre a segurança, motivo tão repetido pela gerente anterior. Olhou-me secamente e de forma ríspida respondeu que o que a antiga gerente falou não interessava mais. As câmeras já estavam desligadas, confiavam no corpo funcional e as clientes eram da melhor qualidade. Encerrou o assunto ao dizer, “Agora, ao trabalho”.

Ficamos perplexas; confusão das grandes. O que teria acontecido com a gerente anterior? Uma vendedora, vindo do escritório da administração, alardeou que haveria demissões, pelo menos, de duas vendedoras; a primeira, por haver se envolvido com o marido de uma cliente, outra, por ter sido flagrada escondendo produtos da loja.

As horas demoraram a passar; cada soar da campanha, cada trim-trim do telefone deixava todas em pânico. Mas, nada nos aconteceu.

Na terça-feira, estando no depósito etiquetando peças por determinação da gerente, e como o depósito fica ao lado da sala



da administração, separados apenas por parede de madeira, ouvi, por acaso o que lá estava sendo dito pelo dono da loja: “Muitas pessoas não conseguem se comportar em público. Enquanto sabem ou pensam que não estão sendo observadas, ainda se safam. Mas é só saber que estão sendo objeto de controle, filmagem, no caso, perdem a cabeça. Algumas acabam perdendo a compostura. O que tivemos de gestos obscenos - mulheres da sociedade, boas clientes, recatadas, cantadas de mulheres em mulheres, de acompanhantes sobre as vendedoras ou outras clientes. Um horror! Nunca pensei que encontraríamos tanta pobreza entre os filmados”.

Pior foi o comportamento da nossa ex-gerente, duplicou as fitas e as vendeu para desclassificados que lidam com filmes pornográficos. Ainda nem sabemos como escaparemos. Para piorar, colocou câmaras nos provadores, banheiros e no vestiário das funcionárias. Quando as vendedoras e a clientela souberem que suas atuações, entre cortes e inserções, estarão disponíveis nas salas reservadas de vídeos...

E continuou, contratamos banca de advocacia especializada em tais casos. Até o final da semana teremos parecer com a base legal que utilizaremos quando começarem as ações de indenizações; talvez seja melhor vendermos a loja antes que a bomba exploda. O prejuízo será grande. “Não conseguiremos salvar o nosso negócio”.

“E a ex-gerente?” Perguntou outra voz. “Pegou o dinheiro - que não foi pouco - e se mandou para o exterior. Sabemos que com todos os predicados que nos fizeram contratá-la, e com dinheiro na bolsa, não será difícil se dar bem em qualquer lugar”.

Como gostaria de estar com ela, suspirei.



Termo

Assino ao final do presente termo de inquérito, pela prisão em flagrante delito do perigoso meliante alcunhado “O Terror dos Outdoors”. Reagiu ao agente que lhe deu voz de prisão - “não é teje, é esteja preso” - aos berros e com o dedo em riste. Não negou os crimes cometidos e se declarou culpado pela série de outdoors inutilizados pela cidade e por cidades vizinhas e até na capital. Nesta delegacia foi indiciado e regularmente identificado, tendo sujado seus dedos - que tanto mal fizeram aos cartazes e placas - para o necessário à datiloscopia. Que disse? Disse que é contra os erros, sejam de linguagem, de sintaxe, de gramática ou de concordância. Que não aguenta mais tamanho descaso com a língua pátria (pétrea?) e que se for solto repetirá sempre o mesmo procedimento. Aliás, pelo sistemático procedimento é que acabou preso. Mandamos fazer (por conta de uma empresa de placas e cartazes) um outdoor da “pesada” (se me permitem o termo): erros e erros, anglicismos, francesismos e outros ismos que fomos recolhendo entre uma ideia e outra. Pronta, a placa foi pregada no principal cruzamento da cidade. Nosso pessoal ficou de tocaia. Não deu outra, em menos de uma hora chegou o danado do cara e foi botando acentos, cortando vírgulas, apagando palavras, substituindo concordâncias. Um pavor! Na hora o agente se adiantou e disse o “teje” preso a que me referi antes. O meliante nem mexeu o corpo, apenas gritou aquela grosseria: não é “teje”, é esteja. Estendeu os braços e deixou-se algemar. Levou um ou dois cascos - e eu nem devia colocar isso num documento oficial -, mas o pessoal estava irritado com a quantidade de ocorrências da espécie e, ainda por cima, com o fato de o indivíduo ter afirmado



que se fosse libertado continuaria fazendo aquelas porcarias. Por isso o trouxemos para a delegacia. Colhemos as suas declarações. Ouvimos as suas versões. Nem precisamos simular situações de interrogatório. Deu todo o serviço. Na hora e sem constrangimento. É um maníaco, com certeza. Dissemos a ele todas as implicações dos seus atos: o vandalismo, a sujeira, o trabalho perdido, o prejuízo dos anunciantes, as tantas famílias que dependem desse tipo de trabalho. Nada. Com sua cara de nojo habitual, diga-se, ficou nos fitando com escárnio. Mas não houve mais sessões de cascudos, nem pontapés em seu traseiro. É de baixa estatura, de meia idade (mais para velhote), quase careca, gordinho. Visto assim de longe nem parece perigoso. Mas é ágil em subir em cercas, muros e tapumes. Mais ágil ainda no manuseio de um pincel ou caneta ou grafite. Tivesse se dirigido para os lados do bem, com certeza, teria sido um bom guarda-livros ou contador. Quem sabe até professor ou escritor. Preferiu a marginalidade. Perguntado, recusou-se a dizer sobre o seu grau de instrução. Pior, disse que, nessa “meleca” (o termo é dele) de mundo, tanto faz ter instrução ou não. E se ele tem, só serve para ele. E se os outros não têm, também não está fazendo falta, visto a quantidade de erros que hoje são encontrados nas revistas, rádios, televisões, jornais, cartazes, placas e outdoors (na verdade, ele não usou o termo outdoor, mas, tendo em vista o curso de inglês que estou fazendo - fora do expediente - sei bem qual a palavra correta a ser utilizada). Nos locais onde havia a palavra outdoor, o malandro riscava e escrevia “placa” ou “cartaz”. Será que há alguma diferença entre uma palavra e outra? Não caberia aqui tentar estabelecer a diferença gramatical - ou de dicionário - entre uma e outra, por que prossigo meu relato inquisitorial sobre os fatos acontecidos e sobre o perigoso indivíduo hoje tirado de circulação por essa brava guarnição. Mesmo na Delegacia, friso, o indivíduo quis se meter “a besta” (e, se uso essa expressão é por que, por pior que seja, é a melhor forma de me fazer entender sobre o caráter e as atitudes do meliante); alegando erros grosseiros nas capas das pastas dos



inquéritos sobre a minha mesa, nos cartazes espalhados pelas paredes e, até mesmo, na forma como um dos agentes se dirigiu a uma terceira pessoa que aqui estava (e nada tinha a ver com o presente caso). Não é fácil ser delegado nessas regiões pobres. Uma esculhambação danada. Não há dia que não aconteça um caso esquisito como esse. Ouvido, portanto, declarou-se culpado do vandalismo, apesar de repisar que não era vândalo, nem bandido; ao contrário, disse ser o guardião da boa letra. Guardiã da boa letra! Faça-me (melhor, faça-nos) o favor! Como se não bastassem os roubos, assaltos, atropelamentos, brigas entre vizinhos, brigas entre marido e mulher, prostitutas, vendedores de drogas, travestis e motoqueiros, ainda me vem esse cara dizer que é o guardião da boa letra. Nem da boa, nem da má. Existe apenas uma letra: a da lei, e eu, delegado, a aplico sem dó nem piedade. Está escrito, está valendo (como no jogo do bicho, perdoem pela referência à contravenção). Os feitos deles, sabemos, são facilmente encontráveis nos códigos, porque o enquadrámos em “n” artigos (vide anexo 1) e mandamos o caso, agora, feito e encerrado, à apreciação da excelentíssima Promotoria Pública, para as providências e o encaminhamento que for julgado interessante. Da nossa parte, salvo melhor juízo, ficamos disponíveis para outras informações que se fizerem necessárias. Ressalto, finalmente, que o indiciado praticamente se negou a aceitar um defensor público, também aos gritos de “...só se não for outro analfabeto”. Aí, levou mais um cascudo, com a seriedade requerida, pois, podia estar incluindo este delegado entre os citados “... outro...”. Nesta data e nesta delegacia, firmo o presente e encaminho.



Tudo bem

Tudo bem, tudo bem! Se não sou Jesus Cristo, como vocês afirmam, seria quem, então? Tenho consciência, tenho lembranças, sei muito bem o que vim fazer. Vocês não acreditam, ficam aquém da dúvida, duvidam e fazem troça. Não se esqueçam, outros já fizeram troça. Alguns fazem troça até hoje. Razão porque ainda estou por aqui. Digam, então, quem seria eu?

Jesus Silveira, filho de José Silveira e de Maria la Selva Silveira, nascido em Passo Fundo, no Rio Grande do Sul, em 16 de outubro de 1947. Está no seu cadastro geral. Sem bens imóveis ou automóveis. Consta o seu registro, seu batizado. Mas não encontramos seu currículo escolar, nem registro no Ministério do Trabalho. Analfabeto e vagabundo.

Sei de quem estão falando. Sei de todos, inclusive de vocês sei mais do que vocês mesmo sabem. Ou dizem saber. Seus desejos mais íntimos, suas vontades, seus medos. As cores, os gostos, os presentes que ganharam em cada data festiva. Seu José Silveira, quase nada de gente, sempre atrás de alguma coisa que estava além das suas forças, da sua imaginação, do seu alcance. Pobre. Alegre e triste, alternadamente. Euforia e pessimismo. Depressivo, com certeza. Sei do seu caminho e do encontro com dona Maria, esperançosa de que o futuro pudesse lhe reservar o bem entrelaçado no marido, nos filhos e que o governo nunca mudasse para poder preservar seu cargo. Pequeno cargo, pequeno marido, ínfimos filhos. Absorta em medos, vive. Mas não é minha família, no sentido carnal e civil do termo. Ainda mais, sei muito bem quem nasceu em Passo Fundo naquele dezesseis de outubro. E não fui eu.



Maldito homem. Quanto mais preciso de sua companhia – e só isso – enquanto me acabo no serviço da casa, lá está ele, no bem bom do teclado, escrevendo suas poucas coisas. Depois ainda terei que ler, avaliar, analisar, propor correções, discutir, argumentar. Sim, depois do serviço: lavar, varrer, cozinhar, passar, arrumar e ajeitar. E ele, lá, sozinho, sonhando palavras que possam interessar a alguém. Nada. Nem a ele, que escreve e guarda. Nem a ninguém, que ninguém as lê ou as lerá. Sabe-se de onde tira aquelas ideias de jerico e, não satisfeito, agora, diz que está escrevendo sobre Jesus Cristo. Quem é ele para tamanha pretensão. Só eu para aguenta-lo nessas horas. Salve, Rainha!

Poderia colocar algo sobre a vida de Jesus, como se o homem à frente dos policiais, desafiando-os, tivesse outros segredos para revelar. Como se efetivamente soubesse das suas vidas e delas pudesse dispor. Assim, como tomo água, ele multiplicaria os segredos. Adicionaria medos... Cristo! Nem quando escrevo ela é capaz de me dar paz. Quer dizer, apenas me deixar aqui, escrevendo. Não! Tem sempre uma roupa na máquina, um café por fazer, alguém tocando a campainha. E o telefone, praga dos tempos, não sei como alguém ainda não escreveu sobre sua impertinência. Perco o raciocínio, perco a linha, perco a razão de estar aqui tamborilando o teclado. Volto. Pense, cara, pense, há sempre uma razão.

Todos se dizem enviados de Deus, dos deuses. Todos os dias deparamo-nos com malucos iguais a você: sou filho de Deus, sou filho de Deus! Uma ova! Se não nos respeitar e contar direitinho sua vida, irá doer. Tenha certeza, irá doer. E seu alegado pai, também com certeza, não virá em seu auxílio, nem segurará as nossas mãos, nem tirará nossas forças. Irá doer, cara! Comece a falar, desde o começo, temos muito tempo. Nosso plantão recém começou e a noite, pelo visto, será calma. Abra o bico!

Por mais que eu faça as coisas, sempre fico com a impressão de que sou a maior idiota das mulheres. Só trabalho. Canso e nada ganho. E o outro, lá, com as suas mãos balançando no teclado.



Se ao menos ganhasse dinheiro com o que escreve, ou recebesse algum prêmio. Nada, uma porcaria depois da outra. Nem ele gosta, tenho certeza. E eu cá no trabalho: acordar já sabendo do dia todo, correr, a comida na hora certa, a toalha limpa, o banheiro sujo. Tanta coisa se repete todos os dias. Onde estaria a minha folga? Hoteizinhos baratos, restaurantes sem serviço, barzinhos mixurucas. Droga de vida. É olhar uma roupa, um sapato, uma sandália na vitrine e saber que não poderei comprar. E que ninguém me dará. Não há presentes na minha vida. Só ausências e trabalhos.

Por ser Jesus Cristo, nada posso fazer por vocês. A autodeterminação e o livre arbítrio são suas maiores conquistas. Livraram-se de todos os medos, inventaram seus próprios pecados, quiseram suas vidas. E agora me pedem o milagre? Para que serviria o milagre, só para suas comprovações? Ou me pediriam dinheiro como milagre? Ou me pediriam outra vida, sem medos, sem dúvidas, sem questionamentos? Onde estavam vocês quando se deixaram levar pelo pecado original? Onde estavam seus líderes intelectuais quando os convenceram sobre o ranço decorrente das minhas palavras? Deus está morto, disseram! Deus morreu, gritaram! Nunca houve seu filho unigênito, proclamaram! Pior, tantos se disseram minha reencarnação, minha continuação, minha profecia. Prantos, lágrimas, carpideiras, orações, rezas, rosários, meditações e tantas outras coisas, por nada. Nada de verdadeiro saiu das suas bocas e suas mentes não me sentiram ou me viveram como eu disse para ser e para vocês viverem. Não, quiseram suas vidas de progressos, esqueceram suas vidas progressas. E agora estão aqui, na minha frente, ameaçadoramente, exigindo que eu fale da minha vida, desde o começo? Que entendem de começos, vocês que já chegaram da metade para o fim? Que entendem de ameaças, vocês que se sentem ameaçados em cada dia de suas vidas? Que sabem do passado, se dele nada trazem de útil? Não há o que falar, meus caros policiais. O que tive para dizer está nas escrituras e os textos são curtos e objetivos, mesmo que meus redatores não tenham sido dos melhores.



Não é nada disso. O texto tem de seguir outro rumo. Trazer o personagem para o dia a dia da cidade. Fazê-lo ter medo da polícia. Fazê-lo compreender o poder de polícia estampado naqueles dois interrogadores. Se a autoridade quer saber, tem o direito e o poder de fazer com que lhe diga tudo, sem omitir qualquer detalhe.

Eu aqui, com o almoço pronto e ele, lá, na sua máquina. Imprestável máquina de marido. Completam-se em inutilidades. Tenho que chamá-lo, tirar-lhe a inspiração, como o babaca diz. Trazê-lo de volta à realidade: bom dia, amigo, isto é o mundo real e a comida está esfriando! Quando mais terei de aguentar tudo isso, quanto de vida ainda terei pela frente? Não será muita, com certeza, estou no bagaço e ele, no seu mundinho de invenções, nem nota o quanto me afasto dele e da vida em geral. A comida piora, a roupa piora, a casa permanece suja. Só eu noto; só eu me interessou.

É o que dá ser honesto. Não aceitar o por fora. Não extorquir, não pedir, não exigir pagamentos ou acobertamentos. Só vir trabalhar. Ganhar esse pouco e se expor muito. Só nós parceiro! Só nós, nesta noite calma, podendo dormir um pouco, assistir televisão, ouvir rádio, conversar fiado. Nada, tínhamos que encontrar esse maluco: Jesus Cristo. Nossa, as religiões teriam dado com os burros n'água se tivessem começado com essa peça. Que pedaço de maluquice. E está nos tirando do sério, não? Não responde nada com nada, enrola e nega a sua contribuição. Mal vestido, sem documentos, sem dinheiro, sem endereço. Ainda bem que o progresso, de que ele falou mal, nos deu a oportunidade de identificá-lo via sistema: Jesus Silveira. Silveirinha, para os íntimos, creio. Se é que um louco desses é capaz de ter intimidade com quem quer que seja. E cheio das bossas, não? Quem são vocês? Quem somos nós? Mais um pouco e mostraremos para ele, não é? A força da mão, o cassetete, o telefone, o vira-casaca. Vou ao banheiro, parceiro, volto logo. E se quando voltar ele ainda não tiver começado a falar, baixaremos o sarrafo. Doa onde doer, ele irá falar. Disso temos certeza, não?



Estou numa encruzilhada: as ideias fervilham e a mulher chama para o almoço. Se for, perco a inspiração; ficando, perco o almoço, a tarde e a mulher. Vou. Irei ficar concentrado no texto, não posso perder o raciocínio. Não a ouvirei contar do mercado, nem de quem encontrou nas ruas, nem do que podia fazer e não teve tempo, nem da limpeza e arrumação que está pensando em fazer. Não me oferecerei para nada. Não a olharei nos olhos. Ficarei calado, com a cabeça abaixada e com a boca cheia. Termino de comer, grunhirei qualquer coisa e voltarei ao teclado. As ideias prevalecem sobre a mão de obra. E minhas ideias estão ótimas. Como ótimo deve estar o almoço, apesar de que nos últimos tempos caiu muito o padrão. Não serei eu a puxar assunto, chega esses dias quando arrisquei comentário sobre uma camisa mal passada. Foi o fim do mundo, literalmente; a brabeza, a gritaria, as cobranças e o choro. Fico quieto. Está tudo bem, desde que me deixe, aqui, escrevendo.

Aí está ele. Sentado na minha frente, mas com a cabeça no computador. É o texto diria ele, fosse capaz de olhar para mim, comer mais devagar e dizer alguma coisa. Nada. Sempre a mesma porcaria. Eu me acabo na cozinha e ele, ali, calado, ausente, distante, ruminando ideias enquanto mastiga a comida que preparei. Garanto que não me ajudará em nada, nem hoje, nem amanhã, nem nunca. Droga de vida! Preciso arrumar os armários, trocar as roupas, passar um pano, dar uma lustrada. Sempre sozinha, sempre só. Eu e as minhas coisas, que são dele também, diga-se de passagem: a casa, a cama, o banho, a comida, a limpeza. Gos-tar de tudo limpo, ele gosta. Ajudar que é bom: querida, vamos deixar para outro dia! Outro dia! Outra vida, isso sim. Se hoje ele terminar de comer, fizer pequeno comentário e sair correndo para o escritório, sei o que fazer. Quebro tudo. Começo pelos pratos, avanço nas travessas, alcanço os porta-retratos, quebro tudo que encontrar pela frente. E acabo com o computador e com a cabeça dele. Depois sento, descanso e começo a limpar a casa: tudo para o lixo, inclusive ele, sem a cabeça. Não terei remorsos, nem cho-



rarei. Irei embora para nunca mais ser encontrada. Não precisarei pensar em nova vida: ir embora será a minha nova vida.

Policiais, policiais, defensores da ordem pública. Como poderia eu, Jesus Cristo, atentar contra a ordem pública? Dizendo minhas verdades e as verdades do meu pai? Tentando influenciá-los com meus discursos? Não, só querem a parte dos milagres. A comprovação do inusual, como se o miraculoso da vida fossem truques de máquinas e de estúdio. O que está previamente preparado. O engodo. O triste espetáculo do ilusionismo. O milagre é tudo isso mais a realidade das coisas. Essa a diferença. A realidade é o fundo para o ato. O que efetivamente acontece: antes, durante e depois. E o depois se aproxima rapidamente e eu, aqui, preso entre policiais honestos.

Falou? Começou a contar a sua vida? Nada? Rapaz, você não nos deixa alternativa: será apanhar e apanhar, entende? Já aguentamos demais as suas histórias. E de milagres, nem sombra. Nem luz, nem calor. Conversa, conversas. Diz o que todos sabem. Desde criança somos ensinados nas palavras divinas. Honrar pai e mãe, não prestar falso testemunho. Aí, não prestar falso testemunho! E o que você me diz disso, cara? Mentindo sobre ser Jesus Cristo!

O falso testemunho de que falam as escrituras não dizem respeito à mentira como vocês a conhecem. É outro aspecto. Diz sobre negar a Deus ou dar a ele outra forma e destaque que não o divino, o da criação do tempo e da matéria. O imaterial. Adorar ídolos, buscar neles o esplendor da glória terrestre, querer a imortalidade do corpo. Ou negá-lo na amplitude que abrange o todo e o nada. Desafiá-lo com suas ignorâncias e desprazeres. A mentira, não. Como crime a mentira não está contida em meus livros. Dela não faço referência expressa, porque nela reside a negação do mundo: a maneira voluntária com que retorcem, distorcem e esgarçam os fatos; a recriação; a apropriação da vontade alheia. A mentira é invenção do homem, sua sobrevivência e subserviência. Não há razões para que eu pregasse contra ela, não me diz respeito. Sou a verdade. E basta!



Estou quase lá, entrego a pedra da caverna, onde repousa o corpo morto, apago as luzes do horizonte. Assusto. Coloco o vento sobre o morro. O enforcado se destaca em negro espectro. E a mulher acredita. Fica de plantão junto à pedra. Reza para que o destino se concretize. Há milagre em suas orações e suas palavras repetem o credo inicial: houve o início, a criação, a divulgação e, agora, a ressurreição. É a passagem que se abre e se mostra por inteiro. De lá virá aquele que retorna. Estou chegando ao clímax, minhas mãos dançam sobre o teclado, ágeis dedos descrevem a cena.

Bati, bati em sua face e o louco me ofereceu a outra. Covarde. Nem tentou se defender. E não tira os olhos de mim. Onde se viu encarar a autoridade. Baterei até que sangue e se arrevente; arreventado, ceda e conte a verdade. Não a sua verdade, a nossa, a que encontramos no arquivo e a que seus dedos nos ofereceu. Bato!

Colega, colega, olhe aqui. Não estou entendendo. A televisão estava passando o programa diário, de repente, olhe, uma cena caseira. Não é aquele cara que mora no prédio da esquina? Sim, o que tem cara de maluco. Não presta atenção em nada, não cumprimenta ninguém, está sempre em outro mundo. Sim, é ele. E a mulher dele. E ela está batendo nele com o prato. Jorra sangue da sua cabeça. Vamos lá, rápido. Seja como for, nós estamos vendo e não deve ser um programa. Sei lá se alguém colocou uma câmara de vídeo na casa dele e aqui na delegacia. Difícil, não? Vamos, vamos lá, ligeiro, antes que o cara morra. E você, maluco, fique pensando no que Jesus Cristo faria numa situação dessas. E se agente aí que voltaremos logo.



Voltar

Nunca é fácil voltar. Não somos criminosos. Somos saudosistas. Sonhamos com o passado: nele éramos crianças ou jovens idealistas, puros e ao mesmo tempo donos do mundo. O mundo de então. Fomos ultrapassados em trabalhos, lutas inglórias, regimes fechados ou emagrecedores. Por isso voltamos, mesmo sabendo das dificuldades. Retornamos aos lugares e nos iludimos com a presença daquelas pessoas que nos rodeavam. Aquelas que admirávamos. Aquelas com quem partilhávamos sonhos juvenis; quando o sexo se realizou pela primeira vez.

Não trago sucessos. A cidade não me recebe em festas. Nem sabe que estou de volta. Não me reconhece. Tantos anos se passaram desde que fui embora. Foram-se os meus parentes. Não sobrou ninguém. Meus pais, mortos, aqui enterrados. Terei de ir ao cemitério verificar o estado da sepultura. Trouxe suas fotografias para serem traduzidas em louça e indicarem o túmulo onde repousam seus ossos. Meus irmãos, longe. Ninguém ficou. Nem um tio, afilhado ou primo. Éramos poucos. Volto tão só como estava quando fui embora. Ninguém me acompanhou até a rodoviária. Não houve acenos ou lágrimas. Não sorri. Minha mala pequena acondicionava a minha vida. Sempre fui o pouco das minhas coisas. Continuo assim.

Agora, trouxe as lembranças: as primeiras imagens, os sons, as árvores, as ruas e as casas. Com certeza não encontrarei nenhuma daquelas casas. Pobres, já antigas na época, reconstruídas em altos edifícios de apartamentos e garagens onde passeiam meus fantasmas. Onde a memória atravanca escuros e estreitos corredores. Não se renovam os espaços, nem os ampliam. A divi-



são se agrava no passar dos anos e nos apertamos cada vez mais. Quem reconhecerei na caminhada? Quantos se voltarão espantados à minha passagem? Poucos; quase ninguém. Sei que meus antigos colegas, amigos, companheiros, em grande maioria, também foram embora. Alguns terão voltado, com certeza. Quem? Quem voltaria a viver nesta cidade tendo a oportunidade de ir embora? Estou voltando apenas para rever o meu passado, tantas vezes sonhei a minha infância, meus projetos, minha adolescência, minha juventude. O que deixei aqui, trincheira e obstáculo, invalidando minha caminhada, impedindo minha felicidade, derrubando as pontes de contato. Por isso estou aqui agora. Para acertar as contas comigo mesmo.

Era o melhor hotel; sua construção e inauguração causaram furor em toda a região. Um desperdício, diziam alguns. Um portento, afirmavam outros. Colocaria a nossa cidade entre as reconhecidas por ter um estabelecimento do porte. Coisa de cinema! Tantos pavimentos, a vista da praça, da igreja. A sociedade disputando mesas em seu restaurante e boate. Os viajantes receosos dos seus preços. Os grandes empresários. Os fazendeiros e agricultores. Os filhos dos ricos morando em suas dependências enquanto aqui estudavam. Pois é onde estou hospedado. Último andar. De frente para a cidade. O relógio da igreja está parado. Mas a igreja foi pintada com as piores cores. O hotel em decadência, cortinas rasgadas, camas mal arrumadas, elevadores velhos e perigosos em barulhos e paradas. O estampido da água em seus encanamentos ultrapassados. O chuveiro elétrico mal arranjado onde antes cintilava o aquecimento a gás. Móveis velhos, colchão velho. O cheiro de mofo em seus armários. Abro a porta da sacada, deixo que a cidade com seus sons invadam o quarto. Da sacada perscruto as ruas próximas, vejo pessoas em rápidas passadas. Tantos automóveis. Tantos ônibus. A praça fechada em altas árvores, copadas. Eram jovens, estão frondosas. Os bancos são os mesmos, desgastados. Quase identifico algumas pessoas que estão sentadas neles. Bobagem.



Não as conheço. As que conheci, estão com os cabelos brancos, ou carecas. Não somos mais jovens.

Desço, deixo a chave na portaria. Agradeço o oferecimento de um táxi. Não, não é preciso, conheço a cidade. Prefiro caminhar. Saio à calçada. A cidade sabe que voltei e me devora em indagações mudas. Apenas me olha. Sustento o olhar, ela se retrai e passa. Volto-me. A cidade também está voltada para mim. Não me sorri. Não me sorriu enquanto vivi aqui, não haveria razão para me sorrir agora. Na verdade, haveria razão, sim, sou um dos poucos que a conheceu jovem, entendeu o seu crescimento, acompanhou suas vicissitudes, lutou por ela, reconheceu seu esforço para se transformar em metrópole. Não esta cidade que me cerca em prédios altos e placas de publicidade, o lixo espalhado pelas calçadas, os carros em disparada e o povo desbotado que lota seus passeios na direção que se cruza entre perdidos e achados. Merecia seu sorriso no reconhecimento, na certeza de que não retornei para brigar. Voltei para acertar a minha vida, no que deixei aqui quando fui embora.

Podia ter ficado tentando levar a vida entre os conhecidos. Sabendo que, por menos que conseguisse, algo e alguém ficaria comigo. Um bom dia, um muito obrigado. Quem sabe a sorte de poder voltar para casa nos finais dos dias e ser recebido com carinho em beijos e sorrisos da mulher e dos filhos. Alguém casaria comigo. Com alguém eu dividiria a minha vida. Uma ex-colega, ex-vizinha, uma menina com quem dividisse a mesa do bar ou a dança no clube, ou com quem os olhos se encontrassem na entrada ou saída do cinema. Na saída da igreja, nos domingos. A confiança na repetição das cenas. A certeza na condução da vida. Teria tido uma vida pobre, modesta, sofrida e ao mesmo tempo recompensadora como a que as pessoas tiveram, porque aqui ficaram, porque entenderam que seus espaços aqui estavam. Não, não entendi assim, fui embora buscar a oportunidade de ser alguém importante, imponente, incandescente brasa queimando etapas, trocando o conhecido pela aventura, tentando ser mais do que a realidade.



A cidade não fez qualquer gesto para que eu ficasse. Não houve pedido, não houve a lágrima, não houve a objeção. Decidi. Comprei minha passagem. Arrumei minhas coisas, embarquei no ônibus e fui embora. Ninguém me acompanhou na saída. Nenhum lenço me foi acenado.

Cresceu a cidade. Onde havia casas, edifícios maiores. Onde moravam pessoas, pontos de negócios. Onde se escondiam as crianças em brincadeiras, o concreto armado impede a entrada. Onde havia árvores e frutos, postos de gasolina e depósitos. Espalhou-se a cidade. O longe se fez perto em todas as direções. Nossas caminhadas até o rio, até a piscina, até o sítio, até o campo de pouso, agora, apenas a cidade rasgada em ruas calçadas, construções em ambos os lados. Nenhuma loja daquele tempo sobreviveu. Eram familiares. As famílias crescem e se dispersam. Os velhos morrem e, com eles, terminam os negócios. Identifico alguns nomes, quer dizer, os nomes de família. São os filhos que ostentam os títulos e movimentam a cidade. Tanta gente de fora, tantos nomes desconhecidos. A cidade cresceu e me esqueceu, como esqueceu aos daquele tempo. Não há tempo para reconhecimentos ou lembranças. A vida é feita no girar das riquezas. Memórias não giram moedas. Memórias emperram as decisões necessárias e rápidas com que as novas gerações multiplicam suas rendas. E se multiplicam os pobres que vivem à sua roda. Na época havia pobres. Sempre haverá pobres. A cidade não precisa se preocupar com isso. A pobreza é natural em nosso país. E se repete nos gestos de pedir, exigir, implorar e fazer multiplicar suas pobrezaas.

Volto ao hotel. Estou cansado da caminhada e não haver encontrado quem quer que seja daquele tempo. Não há mais o café onde todos se encontravam. Não há mais o momento do encontro e dos desabafos. Quando se atualizavam as notícias do dia. E as fofocas. Onde se programavam os encontros e onde os desencontros eram chorados em ombros amigos. A cidade engoliu os personagens em vidas mesquinhas de todos os dias. Não me



adiantaria ir conversar com os filhos dos meus ex-colegas, nem abordar os filhos dos meus ex-vizinhos, muito menos tentar agendar audiências com os filhos dos meus antigos amigos. Seria um cumprimento frio, um bom dia, boa tarde, passe bem. Sim, meu pai morreu há alguns anos. Não, nunca me falou no senhor. Como é o seu nome, mesmo? Está certo, quando encontrar a minha mãe, que está morando na capital, direi que o senhor esteve aqui e que deixou um abraço. Qual o seu nome, mesmo? Sinto muito, não tenho como conversar com o senhor, agora. Quer deixar recado? Por favor, o doutor pediu para o senhor deixar seu telefone para que, tão logo seja possível, possa agendar algum encontro.

Ter ido embora altera o sentido da vida. Perdemos o começo e o instante da separação crava em nós a lança do esquecimento. Saímos das vidas que nos rodeiam e viramos fumaça. Sabe, o fulano está de volta. Fulano, quem foi? Está rico? Rapaz, se eu não estivesse tão ocupado daria notícias, tentaria me encontrar com ele. Fazer o quê, não é? Se ao menos ele tivesse ficado por aqui...

Voltei para acertar as contas comigo mesmo, tentar descobrir as razões que me levaram embora. Esclarecer os motivos que a decisão envolveu; lembrar dos olhos da menina amada, as mãos da menina adorada, a excitação pela moça sensual da cidade. O contragosto da bebida forte na hora de acordar. A perspectiva do dia seguinte. O mês seguinte. Os anos que se seguiriam. O aprendido. O nada feito da escola com suas rígidas regras. O primeiro cigarro. O primeiro porre. Esse menino está me preocupando, não tem maneira de estudar direito, de se comportar direito. Assim, não terá futuro.

Por isso fiz questão de trazer minhas coisas na mesma mala que levei quando fui embora. Pequena, rústica, gasta. Pequena, para trazer a mesma quantidade de roupas; rústica, para mostrar o quanto ainda sou daqui; gasta, porque ela já era assim naquele tempo. Nem o fecho mandei arrumar. Passei uma fita isolante por cima. Ainda segura o conteúdo. O que me basta. E o que trouxe?



Trouxe algumas camisas e algumas calças, as cuecas e as meias, um par de chinelos. Minhas anotações. As anotações me acompanham desde que fui embora. Espaçadas, muitas vezes. Frenéticas, em outras situações. Está tudo anotado, como se fosse um diário. Abro no começo do primeiro caderno e está lá: hoje, fui embora, ninguém me acompanhou até a rodoviária, por isso, não chorei; nenhuma lágrima a cidade mereceria que eu derramasse. Mesmo assim fui olhando pela janela do ônibus até que ele saísse da cidade. Fixei em minha memória cada esquina, cada casa e pessoa por quem o ônibus passou naquela viagem. É o que guardarei para sempre. E o que lembrarei, seja quando for.

No restaurante reconheci a senhora na mesa ao lado. Foi minha colega de ginásio. Era rica na época. Bonita, como são bonitas as adolescentes. Nunca conversou comigo. Um cumprimento seco quando nos cruzávamos pelas ruas. Não me convidou para a festa dos seus quinze anos. Só eu não fui convidado. Está mais envelhecida do que eu. Sua roupa é usada, seus sapatos mereceriam a atenção de um lustrador. Os cabelos em desalinho. Os óculos de grau. Olha para mim. Há interrogação em seu olhar. Teria me reconhecido? Como a estou olhando, me cumprimenta. Seco cumprimento. Fico tentado a levantar e ir conversar com ela. Contenho-me. Não seria ela a quem eu daria as explicações. Ficaríamos em silêncio e depois eu me levantaria e me despediria dela. Outro seco cumprimento. Levanto e saio do restaurante. Perdi a fome.

O cemitério cresceu com a cidade. Vejo com tristeza – só os vivos têm tristeza – que usaram até mesmo suas ruas e alamedas. Foi preciso, que os mortos não param de chegar e em volta do cemitério todos os terrenos estão ocupados. Seriam tristes os que vivem junto ao cemitério? As pessoas não têm mais medo dos mortos. Aquele medo com que fomos criados. O escuro da morte. A escuridão escondendo os corpos. O frio dos corpos depositados em túmulos. As flores secas. Velas acesas com cheiros nauseabundos. Sempre há alguém limpando ou lavando uma



tumba. Escovando os anjos de pedra que guardam os mortos. Sei o caminho. Lá está a parte que me toca. Fria sepultura de tantos anos. Sem flores, sem velas, sem limpeza ou anjos. Há uma pedra sobre a construção. Retiro a pedra, deixo-a cair no chão. O barulho me assusta. Não trouxe flores, nem velas. Permaneço imóvel. Diante dos meus olhos passam as cenas de uma casa antiga, das conversas, do pigarro, do cheiro de comida. Estou de volta. Acompanho meu pai no futebol do domingo, recebo as críticas da minha mãe ao descobrir que estou fumando. Há sorrisos nos almoços de domingo. Não lhes contei sobre a minha vida. Nunca lhes disse dos meus sonhos. Fomos calados amigos. Também eles não me contaram as suas frustrações, e deviam ser tantas no esforço de levar a vida e de nos levar adiante. Retiro-me. Não devia ter ido até lá. A solidão aumenta a tristeza. Faz-me sentir culpado. Não reformarei o túmulo, não incluirei as fotografias em louça, nem colocarei seus nomes sobre a pedra. Devem repousar anonimamente, como viveram e como estão até hoje. Converso com o administrador da área, pago os serviços de limpeza e pintura, pelo menos.

Estou novamente na sacada do apartamento do hotel. O dia termina em mais um por de Sol, famoso em nossa cidade. A profusão de cores que se transformam a cada minuto. Sou privilegiado em assistir a chegada da noite daquele andar alto. Não há impulso em meu corpo. Estático, acompanho o firmamento. O relógio da igreja continua parado.

Desço e saio. Não deixo a chave na portaria. Nem o porteiro viu a minha passagem, absorto no noticiário da televisão, ligada no canto da sala de entrada. Atravesso a rua e entro na praça. Tantas vezes estive entre seus canteiros, ziguezagueando em suas alamedas. Era meu caminho para o colégio. E a volta. Onde passeava no domingo, acompanhando os passos das meninas. De longe, entre as árvores. Em seus bancos se reuniam os amigos, antes e depois das festas. Longas conversas. Sonhos e devaneios. A certeza de que o futuro incerto nos apanharia e nos acompa-



nharia sempre. A praça se esvaziou dos amigos, dos conhecidos, dos colegas. As mortes prematuras. Os que foram embora. Os que deixaram de aparecer. As namoradas, os trabalhos e os estudos. Nossas circunstâncias. Sento num banco bem no centro da praça. Está escuro e as estrelas brilham como na minha infância. Sei onde estou. Sei, agora, porque voltei. A praça sintetiza a cidade e a minha juventude finalmente termina. Não sou o velho sentado no banco de uma praça escura. Sou aquele que se encontrou consigo mesmo.

Não houve o assalto. Os jovens se aproximaram. Estavam armados. Chegaram e exigiram: o dinheiro, velho! O velho estava morto. Sentado ereto naquele banco, como se tivesse quinze anos. Os olhos abertos. O sorriso petrificado em seu rosto.





Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br



Pedro Du Bois, poeta e contista. Passo Fundo, RS, 1947. Residente em Balneário Camboriú, SC. Vencedor do 4º Concurso Literário Livraria Asabeça, Editora Scortecci, com o livro "Os Objetos e as Coisas". Publicações: pela Sarau das Letras, Seres; Brevidades e Via Rápida, através do Projeto Passo Fundo; O Senhor das Estátuas, pela Editora Penalux; em Portugal, pela Editora Corpus, A Criação Estética. Editor-autor com diversos livros públicos artesanalmente, com tiragens mínimas, não comercializáveis. Blog: <http://pedrodubois.blogspot.com>.

CONTOS

Na aventura da criação, Em CONTOS tem a predominância e o estilo refletido nas diversas cenas do cotidiano, onde o autor busca seu entendimento em constante inspiração.

Em CONTOS narra o modo de assumir a vida; retratos atemporais dos personagens que vivem à sombra das palavras na contradição dos fatos e na (des)ventura das histórias.



978-85-8326-055-4



Portal
Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura